

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ  
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,  
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

**DELVIK PEREIRA DE ASSIS**

**PROPOSIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO ENSINO MÉDIO: DA  
FORMAÇÃO DOS ALUNOS AO OLHAR DOS PROFESSORES**

**SÃO MATEUS-ES  
2020**

DELVIK PEREIRA DE ASSIS

PROPOSIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO ENSINO MÉDIO: DA  
FORMAÇÃO DOS ALUNOS AO OLHAR DOS PROFESSORES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Juliana Martins Cassani.

SÃO MATEUS-ES  
2020

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação  
Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação  
Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

A848p

ASSIS, Delvik Pereira de.

Proposições para a educação financeira no ensino médio: da formação dos alunos ao olhar dos professores / Delvik Pereira de Assis – São Mateus - ES, 2020.

92 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2020.

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Dra. Juliana Martins Cassani.

1. Educação Financeira. 2. Ensino Médio. 3. Escola Viva. I. Cassani, Juliana Martins. II. Título.

CDD: 332.04

**DELVIK PEREIRA DE ASSIS**

**PROPOSIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO ENSINO  
MÉDIO: DA FORMAÇÃO DOS ALUNOS AO OLHAR DOS  
PROFESSORES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovado em 21 de fevereiro de 2020.

**COMISSÃO EXAMINADORA**



---

**Profa. Dra. Juliana Martins Cassani**  
**Faculdade Vale do Cricaré (FVC)**  
**Orientadora**



---

**Profa. Dra. Lílian Pittol Firme de Oliveira**  
**Faculdade Vale do Cricaré (FVC)**



---

**Profa. Me. Luana Frigulha Guisso**  
**Faculdade Vale do Cricaré (FVC)**



---

**Prof. Dr. Wagner dos Santos**  
**Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)**

Com todo o amor e gratidão, dedico à  
minha esposa, Simone e aos meus filhos,  
Luana e Delvik Filho;

Com saudades, ao meu pai, Joaquim  
Pereira de Araújo (*in memoriam*) e à minha  
mãe, Benedita Ferreira de Assis (*in  
memoriam*).

Vocês me instigam a seguir em frente.

## AGRADECIMENTOS

Uma missão tão grandiosa como uma dissertação não se cumpre sem se contar com muitos nos apoiando e auxiliando, agradeço especialmente:

À professora Dra. Juliana Martins Cassani, pela confiança em me aceitar como orientando no Mestrado Profissional em Educação da Faculdade Vale do Cricaré. Obrigado por todas as considerações e observações feitas em relação à Pesquisa e pela disponibilidade em auxiliar.

À minha esposa Simone, por tudo. Por estar ao meu lado, compreendendo a dedicação necessária ao mestrado e por vezes até mesmo me acompanhando e auxiliando nas pesquisas.

Aos meus filhos, Luana e Delvik Filho, tantas vezes nas madrugadas dos sábados, ao serem beijados diziam sonolentos “boa viagem papai”, indo se juntarem à mamãe para aguardar a aurora.

Aos demais familiares, em particular meus irmãos Dario, Daniel, David, Donizete, Dirceu, Delmiro, Dalmo, Denísio e Denília, por sabermos de berço da importância da luta honrada, sempre torcendo pelo meu sucesso em mais esse desafio.

Aos meus pais (*in memoriam*), Joaquim Pereira, que com sua sabedoria estratégica dizia aos filhos que de ignorante na casa bastava ele e que deveríamos procurar os caminhos das letras; Dona Benedita, que com seu olhar maternal apoiava as decisões do marido e zelava pelo crescimento da prole.

À Secretaria de Estado da Educação, que muito solícita, permitiu a realização da pesquisa de campo em uma Escola Viva.

À Cintia Pancieri, diretora da Escola Viva Conde de Linhares em Colatina e a toda a sua equipe, em particular aos professores Patrick e Luciane. Fui tão bem recebido na Escola que às vezes ficava constrangido, afinal um estranho no ninho com tão carinhosa acolhida.

Aos alunos da eletiva “Quebrando a Banca”, que ao se permitirem sujeitos da pesquisa, se tornaram protagonista desta obra que agora se apresenta.

Ao meu Senhor Jesus Cristo, pela proteção e amparo naqueles momentos de angústia, onde força humana não seria capaz de promover-me suporte e reerguer-me.

Ao Banco do Brasil pela concessão da bolsa de estudos e disponibilização de tempo para realização da pesquisa de campo e aos colegas de trabalho pela força, em especial ao Marcos Santana, meu ‘copiloto’ nas primeiras idas a São Mateus.

“Mar Português

Ó mar salgado, quanto do teu sal

São lágrimas de Portugal!

Por te cruzarmos, quantas mães choraram,

Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar

Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena

Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador

Tem que passar além da dor.

Deus ao mar o perigo e o abismo deu,

Mas nele é que espelhou o céu”.

(Fernando Pessoa, 1934)



## RESUMO

ASSIS, DELVIK PEREIRA DE. **Proposições para a educação financeira no ensino médio: da formação dos alunos ao olhar dos professores** 2020. 92f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade Vale do Cricaré, 2020.

A educação financeira, embora descrita em normativas educacionais, ainda não é efetivamente uma disciplina curricular. O objetivo geral pesquisa investiga como a educação financeira tem sido compreendida por alunos do ensino médio e por professores que atuam em uma unidade de ensino em tempo integral Escola Viva em Colatina/Espírito Santo. A literatura nacional discute a educação financeira em diferentes abordagens e com diversificados objetivos. Pretendeu-se, trazer à tona as percepções e compreensões desses alunos e como a vivência com esse conteúdo pode ser trabalhado em sala de aula e em sua formação. A metodologia aplicada para a produção textual e coleta de dados selecionou 46 produções acadêmicas com tema sobre educação financeira tomando como base de discussão a Análise Crítico Documental, de Marc Bloch. Para a coleta de dados da pesquisa foram utilizados como instrumentos tempestades de ideias, nuvem de palavras, esquetes; fotografias, vídeos, diários campo, produzidos diariamente após as intervenções, além de entrevistas com os profissionais da educação, nas dependências do Centro Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral Conde de Linhares, conhecida como Escola Viva, localizada no município de Colatina, Espírito Santo. Os resultados obtidos indicam que os alunos demonstram predisposição para a aprendizagem de educação financeira se motivados com uma dinâmica atrativa e motivadora e os professores procuram inserir a temática em suas disciplinas conforme a disponibilidade que o conteúdo oferece, mas não de forma abrangente ou com maior grau de profundidade que o assunto requer e exige. Pode-se concluir que a educação financeira pode contribuir para a formação crítica e cidadão do aluno com o professor direcionando as informações para o uso consciente do dinheiro, compreender que a realização de sonhos e projetos pode ser facilitada a partir do momento em que se adota um comportamento consciente em relação a administração das finanças pessoais, além de se estar preparado para eventos fora da rotina que podem ser melhor enfrentados quando se faz uso dos conceitos da educação financeira.

**Palavras-chave:** Educação Financeira. Ensino Médio. Escola Viva.

## ABSTRACT

ASSIS, DELVIK PEREIRA DE. Propositions for Financial Education in High School: from the formation of students to the perspective of teachers 2020. 92f. Dissertation (Master) - Vale do Cricaré College, 2020.

Financial Education, described in Educational norms, is not effectively a curricular discipline yet. The general objective of this research investigates how financial education has been understood by students in High School as well as how teachers have taught it in a full-time shift at a “Living” School (Escola Viva) in Colatina/Espírito Santo. The national literature discusses financial education in different approaches and objectives. It was intended to bring out the perceptions and understandings of these students and how the experience with this content can be worked in the classroom and in their training process. The methodology applied for textual production and data collection selected 46 academic productions about the theme on financial education based on discussion of The Documentary Critical Analysis, by Marc Bloch. Brainstorms, word clouds, stequets were used as instruments for the collection of data for this reseach; Photographs, videos, field diaries were produced after the interventions daily, as well as interviews with educational professionals, inside Conde de Linhares State High School Center, known as Escola Viva, located in the city of Colatina, Espírito Santo. The results indicated that the students demonstrate predisposition for learning and financial education if they are motivated by an attractive dynamics and the teachers try to insert the theme in their subjects, according to the availability of the content, but not in a comprehensive way or in a great and deep degree that the subject requires and demands. It can be concluded that Financial Education can contribute for a citizen formation in a critical way with the teacher by directing the information about the use of money consciously, by understanding that making dreams and projects come true may be facilitated from the moment a conscious behavior is adopted in relation to the administration of personal finances, besides being prepared for events outside the routine that can be better faced when the concepts of Education Financial are used.

**Keywords:** Financial Education. High school. Living School.

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 – Nuvem de palavras por títulos.....          | 30 |
| Figura 2 – Árvore de similitude dos títulos.....       | 32 |
| Figura 3 – Matrículas na educação básica.....          | 40 |
| Figura 4 – Queda de matrículas no ensino médio.....    | 41 |
| Figura 5 – Percepção dos alunos sobre dinheiro.....    | 46 |
| Figura 6 – Significado do dinheiro para os alunos..... | 48 |
| Figura 7 – O que é felicidade.....                     | 49 |
| Figura 8 – Estruturação de esquete sobre sonhos.....   | 50 |
| Figura 9 – Apresentação de esquete.....                | 51 |
| Figura 10 – Fatos que impulsionam o consumo.....       | 52 |
| Figura 11 – Fora da rotina.....                        | 54 |

## LISTA DE GRÁFICOS

|  |    |
|--|----|
| Gráfico 1 – Tema das publicações ..... | 26 |
| Gráfico 2 – Periódicos .....           | 27 |
| Gráfico 3 – Distribuição por ano.....  | 28 |

## **LISTA DE SIGLAS**

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEEMIT – Centro Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral Conde de Linhares  
Conde de Linhares

CONEF – Comitê Nacional de Educação Financeira

COREMEC – Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiro, de Capitais, de Seguros, de Previdência e Capitalização

DCN – Diretrizes Curriculares Nacionais

ENEF – Estratégia Nacional de Educação Financeira

FCB – Faculdade Castelo Branco

FUNCAB – Fundação Educação Presidente Castelo Branco

FUNDEB – Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica

IAG – Escola de Negócios da PUC Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC – Ministério da Educação e Cultura

OCDE – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico

PLEF – Processo de Legitimação da Educação financeira

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....   | 14 |
| <b>2 METODOLOGIA</b> .....  | 21 |
| <b>3 REVISÃO DA LITERATURA</b> .....  | 26 |
| 3.1 ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA .....                       | 26 |
| 3.2 TEMÁTICAS ABORDADAS PELA PRODUÇÃO ACADÊMICA.....                                    | 29 |
| 3.3 EDUCAÇÃO FINANCEIRA, ENSINO MÉDIO E EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL: MARCOS LEGAIS ..... | 33 |
| <b>3.3.1 Propostas para a educação financeira no Brasil</b> .....                       | 34 |
| <b>3.3.2 Legislações sobre o ensino médio brasileiro</b> .....                          | 38 |
| 3.4 EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL: O CASO CAPIXABA.....                                    | 43 |
| <b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....   | 46 |
| 4.1 CONCEPÇÕES DOS ALUNOS SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA E O DINHEIRO.....                   | 46 |
| 4.2 CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA E O DINHEIRO.....              | 55 |
| 4.3 DESCRIÇÃO DO PRODUTO FINAL .....  | 65 |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....   | 67 |
| <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | 70 |
| <b>ANEXO 1 – PLATAFORMA BRASIL</b> .....  | 74 |
| <b>APÊNDICE 1 – SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA</b> .....                      | 75 |
| <b>APÊNDICE 2 – ROTEIRO ENTREVISTA COM DIRETOR E PROFESSORES</b> .....                  | 77 |
| <b>APÊNDICE 3 – PRODUTO FINAL</b> .....   | 78 |

## 1 INTRODUÇÃO

O que deve ser abordado nas escolas, no que se refere a conteúdos que auxiliem os alunos a lidar com o seu próprio dinheiro? A educação financeira é um conteúdo que se faz necessário em sala de aula? O que deve ser levado aos estudantes? Comportamento financeiro? Relações com o mercado de trabalho? Administração do dinheiro frente aos objetivos de consumo e poupança? Quais as implicações em trabalharmos com esses assuntos, para a formação daqueles que estão finalizando o ensino básico? Essas foram algumas problemáticas que orientaram meu interesse em desenvolver uma pesquisa que assumisse a educação financeira como objeto de estudo.

Essas inquietações também emergiram de minha formação acadêmica, pois, à medida que avançava na escolarização, percebia a necessidade de esse assunto ganhar mais profundidade em sua abordagem, o que não ocorria. Como Técnico em Contabilidade, aproximei-me dos debates relacionados com a gestão e com o planejamento dos recursos financeiros, o que me fez escolher, na Graduação, o Curso de Ciências Contábeis da Fundação Educação Presidente Castelo Branco (FUNCAB), hoje Faculdade Castelo Branco (FCB) e pela especialização em Gestão em Negócios Financeiros da IAG – Escola de Negócios da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC). Nesse processo, notava que as discussões promovidas sobre a educação financeira, quando aconteciam, ainda requeriam maior complexidade.

Ao seguir carreira administrativa do Banco do Brasil, com trabalho voltado ao atendimento aos clientes, tenho oportunidades de vivenciar realidades situações por vezes insustentáveis financeiramente.

Minha formação acadêmica, profissional e o acesso a pesquisas realizadas pela Data Popular (2008), que apresentou números preocupantes em relação à organização financeira doméstica das famílias brasileiras, mostraram a necessidade de estudos no que diz respeito ao baixo nível de educação financeira da população. Embora importante, o tema educação financeira vai além de conceitos de matemática financeira e é pouco familiar no dia a dia das pessoas.

A situação de necessidade de melhor compreensão do manuseio de recursos se faz presente no Brasil. Quando se analisa a organização financeira doméstica das famílias brasileiras, observam-se situações como grande parte das mesmas com perfil gastador, outros não conseguindo honrar suas dívidas nos prazos originalmente

contratados; podendo observar também parcela crescente da renda familiar sendo destinada ao consumo e menor preocupação em relação a criar reservas ou poupança. Essas situações, que poderiam parecer assuntos particulares, acabam se tornando uma questão social, pois, ao atingir vários brasileiros, diminuem a capacidade de investimento do país, afetando negativamente seu desenvolvimento (CAMPOS; TEIXEIRA; COUTINHO, 2015; LIMA et al., 2012).

Esse cenário levou-nos a indagar “este é um assunto que trará impacto para a vida das pessoas, o que significa educação financeira?”. Educação financeira não se trata de matemática financeira. Matemática financeira é o “estudo do dinheiro no tempo ao longo do tempo” (ZENTGRAF, 2003, p. 2 apud ROSSETI JÚNIOR; SCHIMIGUEL, 2009). Além de se preocupar com os aspectos temporais do dinheiro, tais estudos objetivam também estabelecer relações entre quantias monetárias registradas em tempos distintos. Enfim, a matemática financeira pode ser definida como a aplicação da matemática para decisões de gestão a respeito de operações financeiras. Em se tratando da Educação Financeira, segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2005, p. 3):

[...] é o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda, adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, podem contribuir de modo mais consistente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro.

Já o conceito proposto por Álvaro Mondernell (2008), no seminário organizado pelo Coremec<sup>1</sup>, realizado no Banco Central, o termo expressa um conjunto amplo de orientações e esclarecimentos sobre posturas, valores e atitudes adequadas no planejamento e uso dos recursos financeiros pessoais. O Banco Central, principal autoridade do Sistema Financeiro Nacional, compreende a educação financeira como o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram sua compreensão dos conceitos e produtos financeiros.

---

<sup>1</sup>Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiro, de Capitais, de Seguros, de Previdência e Capitalização – **Coremec**, instituído pelo Decreto Lei n. 5685/2006. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5685.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Decreto/D5685.htm)>. Acesso em nov. 2019.



Os conceitos se complementam, haja vista que educação financeira nos traz a ideia de maior envolvimento e entrelaçamento com outros temas, como a Ecologia, Educação Ambiental, História, Sociologia, Língua Portuguesa, utilizando-se da transversalidade, termo que, na educação, é entendido como uma forma de organizar o trabalho didático na qual alguns temas são integrados nas áreas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas. O conceito de transversalidade surgiu no contexto dos movimentos de renovação pedagógica, quando os teóricos conceberam que é necessário redefinir o que se entende por aprendizagem e repensar também os conteúdos que se ensinam aos alunos.

Diante da importância atribuída ao tema pelas instituições financeiras, por imposição de normas expedidas pelo Banco Central ou pelo discurso do consumo consciente e mais sustentável, ou seja, com responsabilidade socioambiental<sup>2</sup>, percebe-se que há lacunas em se tratando de métodos e práticas de ensino quanto a abordagem da educação financeira no âmbito das escolas. Foi possível identificá-las, por meio de uma leitura de seus encartes ou sites na rede mundial de computadores, internet<sup>3</sup>.

Discuti-la na formação dos estudantes é importante, pois, temos acompanhado a preocupação crescente em diversos países, o que tem impulsionado a elaboração de pesquisas, entre eles: Teixeira (2016) que pesquisa a educação financeira com perspectiva crítica; Rebello, Rocha e Filho (2015) que investigam o tema com foco na proposta pedagógica para o ensino médio profissionalizante; Savoia, Saito e Santana (2007) que discute essa questão pontuando seus paradigmas no cenário brasileiro; Augustinis, Costa e Barros (2012) que direcionam sua pesquisa para a análise crítica do tema e mostram como o assunto é abordado em outros países.

Embora haja críticas quanto à abrangência dos programas e seus resultados, principalmente entre a população adulta, para Augustinis, Costa e Barros (2012) o desenvolvimento de ações planejadas de habilitação da população, com foco na educação financeira, é relevante, a fim de que seja implantada, efetivamente, no ambiente escolar, apresentando uma proposta que a conceba como um recurso que

---

<sup>2</sup> São ações que “visam a promover a melhoria da qualidade de vida e da qualidade ambiental de forma conjunta e integrada às necessidades e expectativas humanas, proteção ao meio ambiente, proteção social, saúde, educação, lazer, organização do trabalho [...]” (NASCIMENTO; LEMOS E MELLO, 2008, p. 182).

<sup>3</sup>AUGUSTINIS, Viviane Franco; COSTA, Alessandra de Sá Melo; BARROS, Denise Franca. Uma Análise crítica do discurso de educação financeira: por uma educação para além do capital. **Revista ADM. MADE**, v. 16, n. 3, p. 79-102, 2012.

abranja além da questão de capital, de relação com o dinheiro e sim na perspectiva crítica no processo de formação.

Essas questões mais amplas, situadas no cenário econômico, remetem-nos à necessidade de problematizarmos o modo como o ensino da educação financeira tem sido prescrito na Educação Básica, especialmente em documentos como a Base Nacional Comum Curricular<sup>4</sup> (BNCC). Este documento, de acordo com o Ministério da Educação, “normatiza e define para a educação básica um conjunto de aprendizagens essenciais que os alunos devem desenvolver, com a finalidade de balizar a qualidade da educação brasileira [...]” (BRASIL, 2017, p. 2).

A BNCC aduz que o Ensino Fundamental deve ter compromisso com o desenvolvimento do letramento matemático, definido como as competências e habilidades de raciocinar, representar, comunicar e argumentar matematicamente, de modo a favorecer o estabelecimento de conjecturas, a formulação e a resolução de problemas em uma variedade de contextos, utilizando conceitos, procedimentos, fatos e ferramentas matemáticas (BRASIL, 2017). Complementando, o documento da BNCC destaca:

É também o letramento matemático que assegura aos alunos reconhecer que os conhecimentos matemáticos são fundamentais para a compreensão e a atuação no mundo e perceber o caráter de jogo intelectual da matemática, como aspecto que favorece o desenvolvimento do raciocínio lógico e crítico, estimula a investigação e pode ser prazeroso (fruição) (BRASIL, 2017, p. 264).

Com base no que orienta a BNCC é possível inferir que a aproximação dos conhecimentos adquiridos em relação à educação financeira no contexto do ensino fundamental será essencial para que, no ensino médio, sejam ampliados e aprofundados. Também é previsto na BNCC o ensino deste conteúdo para os jovens que se encontram na última etapa da Educação Básica, abordada não somente como disciplina de matemática, mas de forma transversal e conectada a várias outras áreas do conhecimento.

No ensino médio, a educação financeira tem seus objetivos definidos pela ENEF (2010): explicar e simplificar o entendimento das atividades financeiras e a longo prazo construir nos alunos consciência diferenciada quanto ao uso do dinheiro

---

<sup>4</sup>A Resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017 instituiu a Base Nacional Comum Curricular, (BNCC), “documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais como direito das crianças, jovens e adultos no âmbito da Educação Básica escolar” (BRASIL, 2017). Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em

e proporcionar ao aluno uma formação cidadã e mais completa. Assim, a compreensão da linguagem do mundo financeiro, por meio de um programa educativo, possibilitaria aos jovens obterem as informações necessárias para que tome suas decisões de modo autônomo e independente.

No caso de estudos que investigam o comportamento financeiro das famílias, Dal Magro et al. (2018) analisam que a educação financeira não tem sido parte integrante do ambiente escolar ou familiar, ao passo que a inserção dos jovens e adolescentes no mercado de trabalho dá a esse público um maior poder de compra e consumo. Assim, essa combinação de trabalho remunerado e baixo nível de educação financeira, além de acesso facilitado ao crédito levam a um elevado nível de endividamento das famílias.

A escola formal poderia atuar como interveniente no processo de ensino, aprimorando os conhecimentos financeiros adquiridos na família e no círculo social para melhoria na alfabetização financeira dos adolescentes. Os resultados do estudo apontaram que, na ausência de uma formação curricular, o desenvolvimento de uma cultura de poupança depende essencialmente do papel da família na vida desse adolescente, e outras influências sociais. Portanto, para reduzir os efeitos da ausência da atuação da família na questão, sugere-se a remodelagem curricular para incluir a educação da gestão financeira pessoal.

Diante do exposto, definiu-se o problema: como a educação financeira pode ser abordada na formação de alunos do ensino médio, contribuindo para a promoção de uma aprendizagem crítica e cidadã? Para responder à questão levantada, foi delineado como objetivo geral: Investigar como a educação financeira tem sido compreendida por alunos do ensino médio e por professores que atuam em uma unidade de ensino em tempo integral Escola Viva em Colatina ES

Como objetivos específicos:

- a) Analisar os marcos legais que orientam o ensino da educação financeira nas escolas;
- b) Verificar como é desenvolvida a educação financeira pelos professores com alunos do ensino médio no âmbito da Escola Viva;
- c) Produzir um sequenciamento didático, em diálogo com alunos do ensino médio, abordando a educação financeira como conteúdo principal;
- d) Elaborar um dispositivo de uso didático-pedagógico, que contribua para que os professores ensinem este conteúdo, bem como que amplie a compreensão dos

alunos sobre a educação financeira.

Em nossa sociedade, a todo instante temos que lidar com o dinheiro, seja como instrumento ou base de troca de bens ou serviços; denominador comum ou unidade de conta, permitindo comparar valores de diferentes mercadorias e; como reserva de valor, em que há a oportunidade de se poupar determinado valor ou riqueza no presente, fazendo uso do mesmo no futuro. Assim, esta pesquisa se justifica pela relevância social e acadêmica do tema. No âmbito social, pela necessidade de reforçar a compreensão da linguagem do mundo financeiro, por meio de um programa educativo, que possibilita ao indivíduo obter as informações necessárias para que tome suas decisões de modo autônomo e independente. Sob o ponto de vista acadêmico, a temática abordada se faz relevante pela sua intervenção interdisciplinar, que visa a contribuir para que os alunos reconheçam o conceito e a necessidade da educação financeira em seu dia a dia.

Com base nesses objetivos, organizamos a dissertação em cinco capítulos que dialogam entre si, considerando a natureza das fontes estudadas. De natureza qualitativa, o estudo se caracteriza por ser plurimetodológico, estruturado com base nos seguintes objetivos específicos e metodologias, além do Capítulo I - Introdução:

- O Capítulo II – Metodologia, que se caracteriza por ser uma pesquisa do tipo estado do conhecimento e busca analisar as produções acadêmicas que discutem sobre educação financeira, nacionalmente e internacionalmente. Também se caracteriza por ser de natureza crítico documental de March Bloch (2001).

- O Capítulo III – Revisão da Literatura, em que analisamos a produção acadêmica sobre o tema, bem como os periódicos e a distribuição por ano dos artigos mapeados, permitindo-nos estabelecer o diálogo e a discussão com os autores. Discussão sobre os marcos legais da educação financeira, ensino médio e educação em tempo integral, tomando como referência a análise crítico documental de March Bloch (2001) que possibilita discorrer desde a Lei de Diretrizes e Bases da educação, estratégia ENEF, BNCC proporcionando visibilidade à educação em tempo integral no Estado do Espírito Santo.

- Capítulo IV - Resultados e discussão com análise das percepções dos alunos e dos professores sobre educação financeira e a descrição do produto final.

Nas Considerações Finais, retomamos as principais questões abordadas na pesquisa, sinalizando possibilidades de estudos futuros.

No Apêndice 3, apresentamos o Produto final que constitui em um guia didático-

pedagógico, em formato de revista, que visa a contribuir com a prática docente do professor no ensino da educação financeira. O produto final busca ainda ampliar e auxiliar a compreensão dos alunos sobre a educação financeira.

## 2 METODOLOGIA

No primeiro momento da pesquisa, para identificar a produção acadêmica sobre o tema, o critério adotado foi a seleção de artigos publicados, em 16/09/2019, na plataforma do Google, com acesso aos bancos de dados de periódicos no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), obtendo conteúdo gratuito disponibilizado no portal e utilizando como descritores as palavras-chave “educação financeira” (grifada com aspas). Nesse processo, foram definidos como critérios de inclusão artigos em idioma português e periódicos revisados por pares, com linha de corte compreendendo o período de 2007 a 2019. A busca utilizando como recurso os critérios de inclusão identificou 69 publicações.

Os critérios de exclusão foram artigos em línguas estrangeiras, não revisados e fora da linha de corte. Após o processo de *download* foi necessária realizar uma nova seleção em função das inconsistências: artigos em duplicidade, ensaios, artigos em língua estrangeira e outros que não possuíam nenhuma relação com o tema educação financeira.

Finalizado foram classificados 23 artigos que, em seguida, foram pesquisados no software Iramuteq, instrumento gratuito, de fonte aberta faz uma análise estatística sobre corpos textuais das publicações selecionadas. Também se procedeu a leitura para a construção dos apontamentos das informações pertinentes ao tema, buscando através de unidades de sentido, a categorização do material selecionado.

No artigo, ‘A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios’, Gatti (2002, p. 10) discute questões emblemáticas e afirma que os pesquisadores necessitam:

[...] de um exame sereno sobre a demanda social a partir das plataformas, descritas e solicitadas pelos legisladores ou pelos executivos, diferentes instâncias de gestão, e o da demanda social, mais o conhecimento acumulado através de investigações confiáveis, que já compõem o campo de saberes em educação, em suas áreas específicas. Nas sínteses possíveis, a partir de análises desses contrapontos, a pesquisa educacional poderá avançar e produzir conhecimentos mais pertinentes e referenciais mais confiáveis, não ficando ao sabor de circunstâncias ou da superficialidade com que as questões são postas nas demandas ou a partir delas [...].

Ao tomarmos como referência a afirmativa da autora, consideramos, no processo metodológico, de que a pesquisa *in loco* possibilita compreender os

fenômenos que ali ocorrem, contribuindo para que o pesquisador defina os critérios e condições em conformidade com os objetivos da pesquisa (TOZONI-REIS, 2007).

O procedimento metodológico caracteriza este estudo como pesquisa-ação, com caráter de pesquisa de campo e exploratória, realizadas nas dependências do Centro Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral Conde de Linhares Conde de Linhares (CEEMIT, Escola Viva), no município de Colatina-ES. De acordo com Gil (2010, p. 42) “a pesquisa-ação é uma metodologia para intervenção, desenvolvimento e mudança no âmbito de grupos, organizações e comunidades”.

A pesquisa de campo, segundo Lakatos e Marconi (2010, p. 56) consiste na “observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes, para analisá-los”.

Em se tratando da pesquisa exploratória, de acordo com Gil (2010, p. 41), seus objetivos consistem em “[...] proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito e aprimorar as ideias ou a descoberta de intuições”.

Na abordagem da educação financeira no processo de formação de alunos, promovendo a aprendizagem cidadã, a pesquisa de campo foi realizada da seguinte forma:

1º encontro: apresentação dos pesquisadores, dos alunos e exposição dos objetivos: no dia 30/10/2019, no horário das 13:00 às 14:00 horas.

2º encontro: início das discussões com levantamento de questões visando diagnóstico (o que representa ser feliz, significado do dinheiro para os alunos; como o dinheiro que utilizam chega até eles, trabalho, mesada; esquetes, outros), no dia 14/11/2019, no horário das 10:00 às 12:00 horas.

3º encontro: levantamos discussões sobre como a família trata a questão financeira: no dia 21/11/2019, no horário das 10:00 às 12:00 horas.

4º encontro: a temática abordou e consumo, desejos, necessidades: no dia 28/11/2019, no horário das 10:00 às 12:00 horas.

Essa proposta de atividades foi confirmada em conformidade com a disponibilidade de datas e horários da Escola.

A coleta de dados junto aos alunos utilizou as técnicas de tempestade de ideias, apresentando uma nota de R\$ 50,00 para que os alunos apontassem o que representava, resultou em duas palavras: realização de sonhos e felicidade. Essas duas palavras foram analisadas no World Cloud que gerou uma nuvem subsequente

de outras palavras que correlacionam entre si, sobressaindo felicidade, riqueza, bens materiais, investimento, comida, necessidades, entre outras. Em se tratando de esquetes, os grupos apresentaram uma peça teatral, de curta duração, com temas livres que resultou na abertura de uma empresa e os problemas que podem ser ocasionados pela falta de planejamento financeiro (grupo 1); uso desorganizado do dinheiro (grupo 2) e as situações positivas e negativas que o dinheiro proporciona (grupo 3). As representações dos grupos foram gravadas em vídeo que possibilitou a reconexão da discussão. O registro de fotografias foi utilizado para mostrar a participação dos alunos nas atividades ao longo da realização da pesquisa. O diário de campo foi a técnica utilizada para anotar as intervenções e seus respectivos resultados, posteriormente, analisados nos resultados e discussão.

Embora nosso objetivo fosse trabalhar a pesquisa de campo com até 20 alunos do Ensino Médio, em função de que nos foi cedido, o horário de pesquisa em uma disciplina eletiva coordenada pelos professores de matemática, uma turma de 35 alunos que demonstrou interesse em participar. Os encontros de formação totalizaram uma média de sete horas. Em seguida foi feito o registro e transcrição das conversas para análise e produção de textos.

Junto aos professores os dados foram coletados com a aplicação de um questionário semiestruturado, com um roteiro com seis questões abertas, com caráter descritivo e trabalhado com ideais, hábitos, atitudes e opiniões a partir dos resultados apontados nas narrativas dos professores. A primeira entrevista individual foi realizada no dia 18/11/2019, às oito horas, com a diretora da escola e durou 40 minutos. A entrevista coletiva foi com dois professores de Matemática, no dia 19/11/2019, às 09:00, com duração de 40 minutos. Esses professores acompanharam as atividades realizadas com os alunos em sala de aula. A segunda entrevista individual ocorreu em 20/11/2019, às 11 horas, com a professora de História, que também ministra a disciplina Projeto de Vida, com duração de 40 minutos. A terceira entrevista individual se deu no dia 20/11/2019, às 14 horas, com o professor de Sociologia, durou em torno de 40 minutos. A quarta entrevista individual aconteceu no dia 21/11/2019, às 08 horas, com o professor de Filosofia e teve duração de 40 minutos.

A opção pela instituição de ensino integral Escola Viva Conde de Linhares, localizada no município de Colatina, teve como motivação inicial o fato de um dos pesquisadores ter sido aluno durante o período de 1991-1994, onde concluiu o segundo grau Técnico em Contabilidade, época em que a instituição era denominada



Escola Estadual de Primeiro e Segundo graus Conde de Linhares e funcionava em turnos matutino, vespertino e noturno, portanto, períodos não integrais. Outro fator foi a flexibilidade e proposta da escola viva em proporcionar educação em tempo integral, oferecendo aos alunos assistência às suas necessidades básicas e educacionais, resgatando sua autoestima e intensificando o processo ensino-aprendizagem, pautando-se na autonomia, solidariedade e competência.

O primeiro contato com a diretora da Escola Viva Conde de Linhares em Colatina ES a respeito da pesquisa se deu nos corredores da Faculdade Vale do Cricaré – FVC (onde a mesma também é mestranda), em fevereiro de 2019, em que foram expostos verbalmente os objetivos da pesquisa. A mesma solicitou a formalização do interesse em realizar a pesquisa nas instalações da escola, o que foi providenciado.

Após aprovação da Secretaria Estadual de Educação para a realização da pesquisa, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética da FVC, tendo sido aprovado. Após serem firmados os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelos participantes e/ou seu responsável legal, teve início a pesquisa qualitativa com a pesquisa de campo e a exploratória.

Com base nos encontros realizados com os alunos, percebemos a necessidade de ampliarmos algumas questões relacionadas com a educação financeira, o que nos levou a produzir entrevistas individuais com a diretora da escola, com os professores de História, de Filosofia, de Sociologia. Realizamos ainda uma entrevista coletiva com os dois professores de Matemática. Todas as entrevistas foram realizadas dentro da Escola em Tempo Integral, nos dias especificados para que respondessem as mesmas questões (Apêndice 2).

A análise foi possível a partir da compreensão dos dados, informações e percepções explicitando o contexto e as experiências dos sujeitos de pesquisa denominados Prof. de Matemática A; Prof. de Matemática B; Prof. de História; Prof. de Sociologia; Prof. de Filosofia; e Diretora da Escola em Tempo Integral.

Quanto aos cuidados éticos, essa proposta foi submetida à aprovação do Comitê de Ética da Plataforma Brasil, tendo sido aprovada sob o número CAAE: 24470919.3.0000.8207. Em se tratando dos riscos e desconfortos, ao longo do processo de realização da pesquisa ação, algumas questões e informações pessoais sobre o comportamento financeiro dos sujeitos e/ou de outras pessoas poderiam ser compartilhadas e gerar algum tipo pequeno de constrangimento, mas

nenhum dano que pudesse afetar e/ou denegrir a imagem dos participantes.

Aos colaboradores da investigação foram esclarecidos em relação à pesquisa e aos seus objetivos. Os pesquisadores se comprometem a resguardar a identidade dos sujeitos durante todas as fases da pesquisa e após a sua publicação.

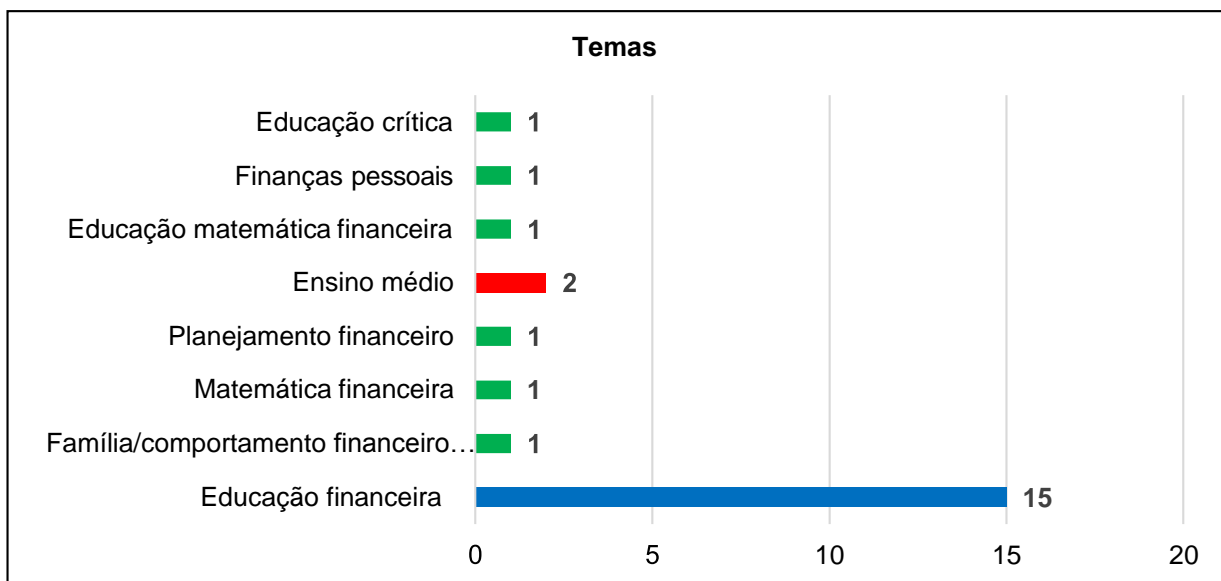
Os resultados alcançados com essa metodologia originaram um produto final, intitulado Educação Financeira: é possível no ensino médio?

### 3 REVISÃO DA LITERATURA

#### 3.1 ANÁLISE DA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA

Este capítulo apresenta uma análise da produção acadêmica sobre educação financeira, por ser essencial em pesquisas científicas e por facilitar o acesso aos conhecimentos teórico-empíricos. Para os resultados e discussão da produção acadêmica, entre os 23 artigos classificados, foi realizada a contagem relacionada aos temas, sendo o de maior expressividade a educação financeira com 15 trabalhos, seguidos de abordagens sobre o ensino médio, com duas publicações e as demais educação crítica, finanças pessoais, educação matemática financeira, planejamento financeiro, matemática financeira e comportamento financeiro, respectivamente, com uma publicação, como mostra o Gráfico 1.

Gráfico 1 – Temas das publicações



Fonte: Elaboração própria

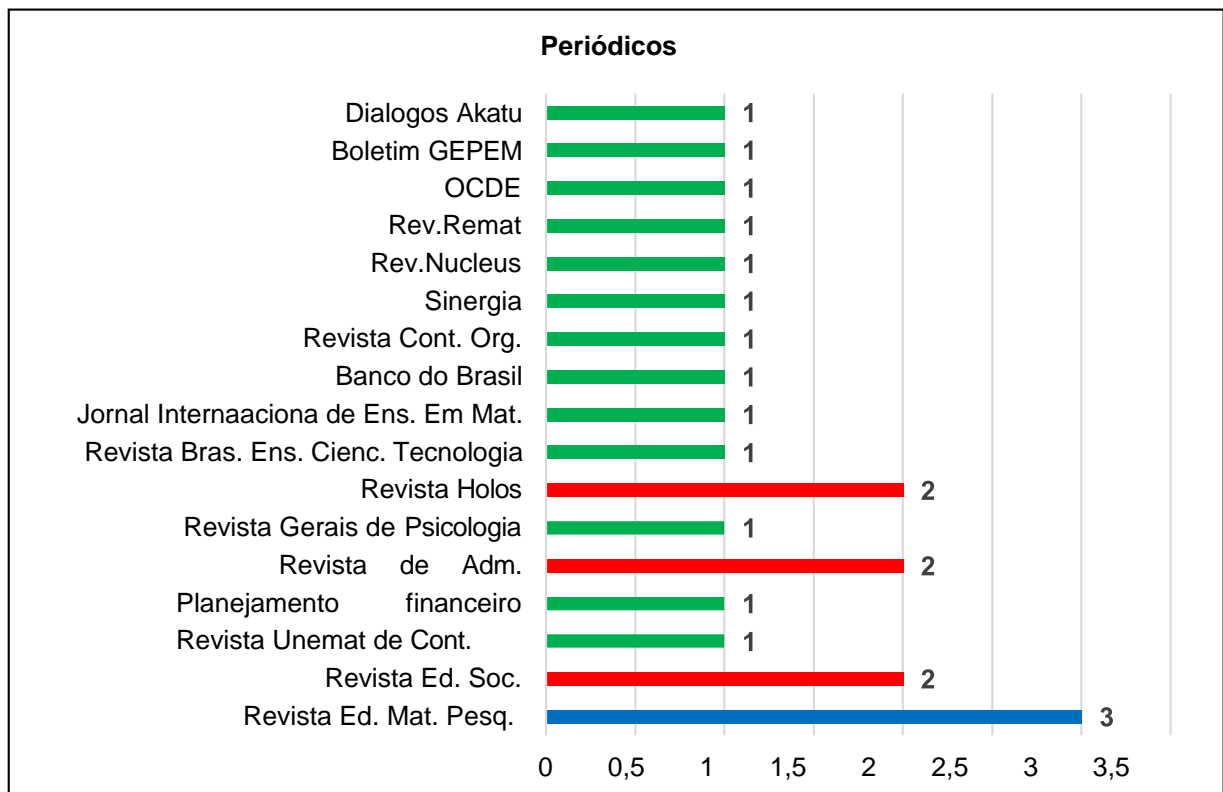
O Gráfico 1 mostra que a temática mais abordada pelos autores é a educação financeira, com 15 artigos; em seguida, a temática aparece articulada com o ensino médio, em que há duas publicações, uma trazendo resultados de uma experiência didática em educação financeira crítica realizada por Teixeira (2016); a outra apresentando a concepção de Vieira, Moreira Júnior e Potrich (2019) sobre a abrangência da aplicação da educação financeira no ensino médio, como pode ser observado no Gráfico 1.

As demais temáticas, todas com uma publicação, referem-se a discussões

sobre a educação financeira de modo mais amplo, como planejamento, Matemática e comportamento.

A análise seguinte verificou em quais periódicos estavam inseridas as publicações e destacamos a Qualis (sistema de classificação dos periódicos, realizado pela CAPES, da seguinte forma: A<sub>1</sub>; A<sub>2</sub>; B<sub>2</sub>; B<sub>3</sub>; B<sub>4</sub>; B<sub>5</sub>; C, das publicações de maior expressão numérica: pela Revista Edu. Mat. Pesquisa com três artigos (B<sub>2</sub>); a segunda opção foi a Revista Holos (A<sub>3</sub>), Revista de Administração (A<sub>4</sub>) e Revista Unemat de Cont. (B<sub>5</sub>), todas com dois periódicos publicados. Os demais artigos, em um total de 11 periódicos tiveram apenas uma publicação como aponta os resultados expressos no Gráfico 2.

Gráfico 2 - Periódicos



Elaboração própria

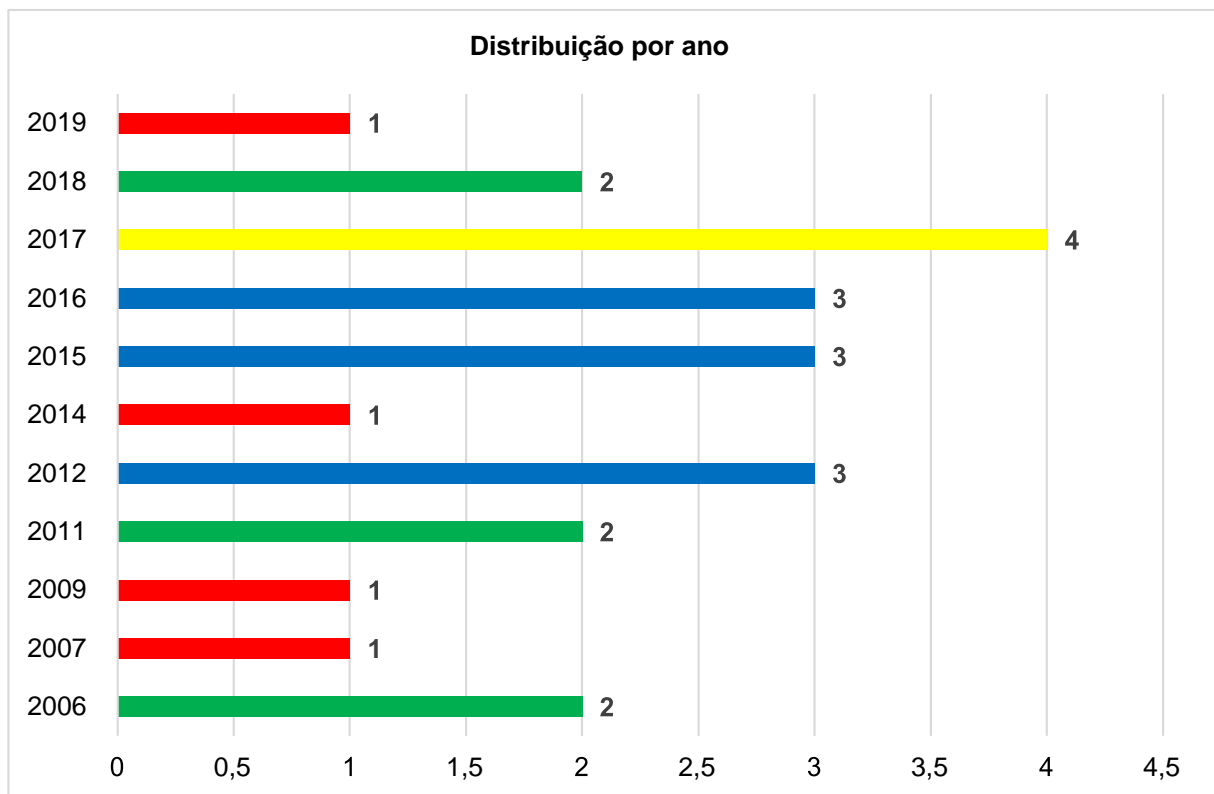
Os temas discutidos nesses periódicos tratam da educação financeira em várias frentes de abordagens, mas observamos que entre as temáticas há uma correlação direta ou indireta, o que evidencia a importância do ensino da educação financeira não só no espaço escolar. Há muitos fatores associados e/ou interligados à educação financeira. As finanças envolvem lazer, consumo de produtos e materiais supérfluos, fornecendo às pessoas a possibilidade de obter e satisfazer os seus

desejos. Esse contexto fez despontar um elemento importante: a educação financeira.

Na publicação dos artigos nesses periódicos, estão expressas as diferentes concepções teóricas da educação financeira associada à sustentabilidade financeira das instituições e dos cidadãos, perspectiva de elaboração de estratégias, reflexão sobre o contexto matemático e educação crítica. Também abrangem o comportamento financeiro dos adolescentes, cidadania, planejamento, o que pode auxiliar na realização e conquista de sonhos, entre outras questões contextualizadas no ensino médio e discutidas na Escola em Tempo Integral.

Foi realizada uma segunda análise para correlacionar os temas discutidos nos periódicos, época da publicação e identificarmos os dados referentes à distribuição anual dos artigos, que estão apresentados em ordem crescente, de cima para baixo, como mostra o Gráfico 3 abaixo:

Gráfico 3 – Distribuição anual dos artigos



Elaboração própria

O Gráfico 3 evidencia que o ano em que há maior número de publicações foi 2017 (quatro artigos); 2012, 2015 e 2016, com três publicações; 2006, 2011 e 2018, com dois periódicos publicados. Os demais bancos de dados tiveram apenas uma

publicação, respectivamente, nos anos de 2007, 2009, 2014 e 2019 destacadas no Gráfico 3.

A periodicidade das publicações mostra que os artigos são recentes, o que significa que a educação financeira é uma temática que a literatura discute há muito tempo, entretanto, o interesse e a necessidade de inserção na educação vêm se tornando mais evidentes a cada ano.

A partir do resultado da produção acadêmica foi construído e desenvolvido um diálogo com os teóricos, enfatizando assuntos específicos relacionados à educação financeira com o propósito de apresentar, discutir e verificar como a literatura brasileira aborda essa questão utilizando como instrumento o software Iramuteq.

### 3.2 TEMÁTICAS ABORDADAS PELA PRODUÇÃO ACADÊMICA

Para promover essa discussão, a partir dos 46 artigos selecionados e as informações lançadas no *software Interface de R pour lês Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires (Iramuteq)*, foi originada uma nuvem de palavras que contribuiu para manter e respaldar o diálogo com os teóricos. Segundo Camargo e Justo (2013), o Iramuteq é um software gratuito que viabiliza diferentes tipos de análise de dados textuais, desde os da lexicografia básica (cálculo de frequência de palavras por meio da nuvem de palavras), até análises multivariadas (classificação hierárquica descendente e análises de similitude).

Seguindo as orientações do Iramuteq foi selecionada a opção nuvem de palavras, porque diante do volume de dados o programa permite apresentar as palavras com, no mínimo três recorrências em grau de proporção de tamanho, de acordo com seu quantitativo no banco de dados. Isso significa que, quanto maior o uso da palavra nos artigos, maior será a sua representação gráfica na nuvem de palavras. Em um segundo momento, operamos com esse banco de dados para classificar as palavras pela análise de similitude, que possibilita identificar as combinações entre as palavras e seu resultado traz indicações da conectividade entre elas (CAMARGO; JUSTO, 2013).

Com o objetivo de analisarmos as temáticas abordadas nos títulos dos artigos, a análise no Iramuteq originou a nuvem de palavras que pode ser observada na Figura 1, que destaca financeiro, educação financeira, matemática, pessoal e finança e as correlações entre elas

Figura 1 – Nuvens de palavras por títulos



Elaboração própria

A palavra-chave central é financeiro que está conectada a educação financeira, finança, matemática, pessoal, ensino e educação. O fato de as terminologias financeiro e educação financeira se apresentarem com maior expressividade numérica, não significa que há homogeneidade em relação aos seus conceitos. Para Teixeira (2015, p. 13), a educação financeira possibilita a “aprendizagem econômica, cortar gastos, poupar e acumular dinheiro, busca uma melhor qualidade de vida tanto hoje quanto no futuro, proporcionando a segurança material necessária para obter uma garantia para eventuais imprevistos”.

Já a OCDE (2005) ressalta que, por meio da educação financeira, o cidadão e a sociedade adquirem condições de melhor compreender a correlação existente entre conceitos e produtos financeiros. Seria preciso considerar, nesse processo, que a informação, formação e orientação são instrumentos capazes de promover e desenvolver valores e competências necessárias conscientes quanto às oportunidades e riscos que cerceiam os negócios.

Silva, Teixeira e Beirute (2016) enfatizam que não se deve conceber a educação financeira como metodologia para cálculos de juros, assimilação das oscilações de mercado, economizar, praticar o consumo consciente. Esse

entendimento, implica ter orientações de como administrar as finanças pessoais, ou seja, seu propósito é mais amplo e abrangente, pois deve ser concebida como o instrumento para tornar, promover e desenvolver uma vida financeira mais saudável, sem dívidas e imprevistos.

As palavras educação financeira, financeiro e matemática estão relacionadas ainda com a importância do trabalho dessas temáticas na escola, conforme Rossetti Júnior e Schimiguel (2009). Os autores defendem uma proposta que tenha como base a matemática financeira, considerando que existe consonância em relação às necessidades, interesses e experiências de vida dos alunos. Isso ocasionaria, assim, maior proximidade com o tema e, principalmente, a promoção de habilidades e competências de análise, avaliação crítica das situações financeiras que despontarem em suas vidas.

Essa nuvem de palavras sinalizada é consoante com a literatura de Silva e Powell (2015), os autores defendem a educação financeira como um importante sinalizador para a sua prática como recurso pedagógico, haja vista que o espaço escolar é abrangente e diversificado, o que abrangeria um significativo número de alunos que podem usufruir das vantagens que ela proporciona.

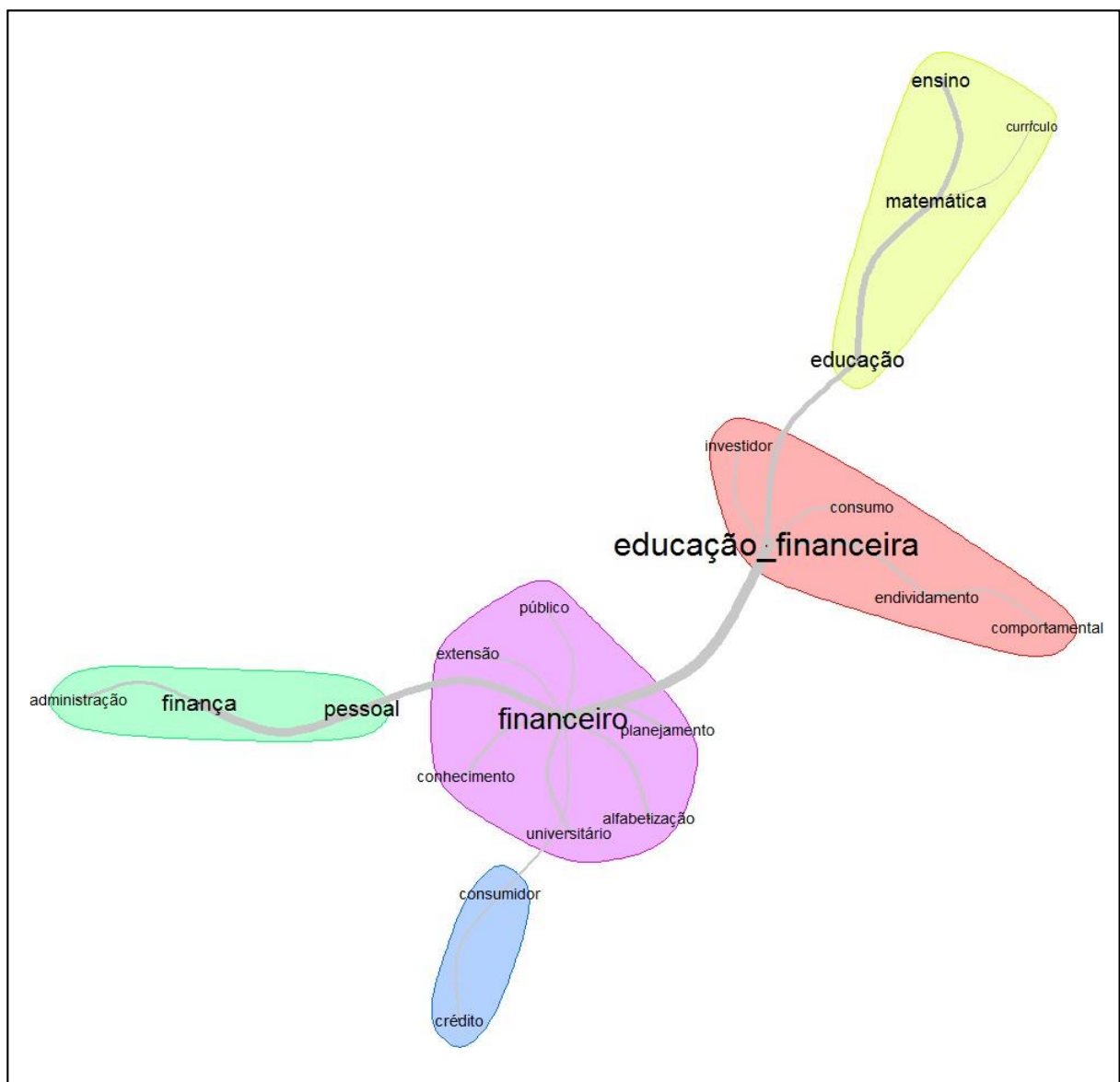
A relação comportamento e finanças tem vínculo com o consumo, desejo de obter, satisfazer uma necessidade. A educação financeira na escola assume maior importância e deve “ser priorizada e iniciada o mais cedo possível para que a criança adquira uma relação saudável com o dinheiro para conquistar a independência econômica e ter consciência na utilização dos recursos financeiros” (LIMA et al., 2016, p. 3).

Com o objetivo de percebermos a conectividade das palavras abordadas nos resumos dos artigos, elaboramos a árvore de similitude, formada a partir dos títulos, vimos que a temática principal é educação financeira e ela está conectada diretamente com consumo, endividamento e comportamento. A relação mais forte é com a terminologia financeiro e aqui, em alfabetização, discute o nível de alfabetização financeira e o conhecimento sobre educação financeira do público em geral que seria baixo, até mesmo para estudantes de nível universitário e que a administração das finanças pessoais sendo fortemente ligada ao comportamento e afetada pelos apelos ao consumo a que a população é exposta. Em outra sequência, pode-se observar que o ensino de educação financeira ainda está relacionado à disciplina de matemática quando a proposta é de que seja trabalhada de modo transversal.



Esse universo de palavras localizado na literatura dialoga com as narrativas dos alunos. Em quase todos os tipos de sociedade, desde muito cedo os indivíduos são alvos da publicidade de todos os segmentos de mercado, estimulados a querer, comprar, consumir, possuir, ter. Ainda nos dias de hoje esse cenário permanece, mas com pressão maior, contínua, mais atraente e direcionada a públicos específicos: idade, classe social, alunos, e, principalmente, adolescentes. O resultado pode ser observado na Figura 2.

Figura 2 – Árvore da similitude dos títulos



Fonte: Elaboração própria

Traçando um paralelo da palavra central identificada na árvore de similitude, educação financeira, narrativa dos alunos e literatura que discute a questão do

estímulo ao consumo desenfreado, percebemos não ser difícil encontrar jovens endividados, com nomes registrados nos serviços de proteção ao crédito, mas usando o tênis, camisas e shorts de marca conhecidas e caras e, principalmente, celular de última geração. Nesse contexto, Del Fiori et al. (2017, p. 2) ressaltam em seus estudos que “diante do elevado nível de consumo, inúmeros indivíduos adquirem dívidas, comprometem uma intensa fração da sua renda, transformam-se em inadimplentes em muitos casos [...]”.

Essas colocações reforçam que a educação financeira no ensino médio representa um amplo leque de possibilidades, mas a produção acadêmica sobre o tema no ensino médio brasileiro está associada ao ensino técnico. E observamos que enquanto instituição social, a escola constitui um dos espaços privilegiados de formação e informação no qual a aprendizagem dos conteúdos deve ser consoante às questões sociais que envolvem por exemplo, o comportamento financeiro de alunos do ensino médio e das famílias.

### 3.3 A EDUCAÇÃO FINANCEIRA, ENSINO MÉDIO E EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL: MARCOS LEGAIS

A análise dos marcos legais referentes à educação financeira, o ensino médio e a educação em tempo integral, *locus* desta pesquisa, tomará como referência a Análise Crítico Documental, de Marc Bloch. Bloch é cofundador da Escola dos Annales, movimento francês de historiografia, que contrapôs a visão positivista que concebia a história como narração de acontecimentos, impondo certezas. A opção pela análise crítico documental se deu pela pois segundo Bloch (2001), considera as fontes como testemunhos da história, escritos, orais, arqueológicos ou pictóricos e, independente da natureza documental e voluntários (opinião pública) e involuntários (são produções inconscientes), o que eleva a importância de perceber a natureza do documento. Bloch (2001, p. 10) afirma que a história,

[...] não é a relojoaria ou a marcenaria. É um esforço para conhecer melhor: por conseguinte, uma coisa em movimento. Limitar-se descrever uma ciência tal qual é feita é sempre traí-la um pouco. É mais importante dizer como ela espera ser capaz de progressivamente ser feita.

Para reforçar sua concepção, Bloch (2001, p. 7) cita as palavras de Febere que afirmou “a história é filha de seu tempo, o que já demonstrava a intenção do grupo de

problematizar o próprio fazer histórico e sua capacidade de observar”, chamando a atenção sobre a necessidade de compreender o passado para responder questões da atualidade. Outro aspecto importante sobre a escolha pela Análise Crítico Documental, é o fato de que não cabe ao historiador julgar e sim compreender. Contudo, Bloch (2001) destaca que, o historiador não consegue manter-se isento ou neutro, pois é inerente do ser humano carregar consigo sua essência, valores e visão de mundo. Como pesquisador, é preciso desenvolver a sua proposta de trabalho, que tem como fundamento “recortar, particularmente, o ponto de aplicação de suas ferramentas, [para fazer] uma escolha [...] que será a de historiador, selecionando métodos, teorias considerando as causas e as consequências das mudanças” (BLOCH, 2001, p. 52).

Com base no exposto, analisa três eixos principais: a) marcos legais referentes à educação financeira; b) debate sobre a legislação do ensino médio brasileiro; c) discussões que tomam como referência a educação em tempo integral, especialmente no ensino médio ofertado no Estado do Espírito Santo.

### **3.3.1 Propostas para a educação financeira no Brasil**

No que se refere à análise dos marcos, é preciso considerar, em um primeiro momento, que a questão financeira é um ponto importante em vários aspectos da vida do cidadão, principalmente em relação ao suprimento de suas necessidades básicas (saúde, educação, alimentação, vestuário, etc.). As finanças envolvem lazer, consumo de produtos e materiais supérfluos, fornecendo às pessoas a possibilidade de obter e satisfazer os seus desejos. Esse contexto fez despontar um elemento importante: a educação financeira.

Em termos sociais e econômicos, a educação financeira ganhou destaque junto aos brasileiros com a implementação do Plano Real, que estabilizou a sua moeda, aumentou o poder de compra e ampliou a possibilidade de pensar a médio e longo prazos, trazendo à luz a necessidade de as pessoas adquirirem conhecimentos sobre educação financeira. A OCDE (2005), define educação financeira como o processo mediante o qual indivíduos e sociedades melhoram sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, para que possam, com informação, formação e orientação desenvolver valores e competências necessários para se tornarem mais conscientes das suas oportunidades e riscos e, então, fazerem escolhas bem

informadas.

Para Augustinis, Costa e Barros (2012), políticas provenientes da OCDE (2005) estão situadas em um movimento global, em que se considera ideal e exemplar desenvolver a educação financeira, materializada sobretudo na elaboração de princípios e recomendações referentes aos programas de educação financeira, advindos principalmente da OCDE.

Tais discursos emergem principalmente do governo, com sua estratégia de educação financeira e da iniciativa privada, principalmente instituições financeiras, objetivando uma redução do papel do estado e consequente transferência de responsabilidade para os indivíduos. Outro foco do governo é a ideia de que a população deve gerir seus recursos financeiros e, ao contrário do discurso propagado, os agentes financeiros aumentariam seus lucros enquanto os consumidores se tornariam ineficientes na gestão de seus recursos financeiros.

Essas questões estão inseridas em um contexto econômico mais macro, qual seja, a globalização dos mercados que, juntamente com reformas de caráter neoliberal, efetuado pelo Estado, buscam promover e a reorientar o papel do governo no provimento de serviços, bens e proteção aos indivíduos, incluídos seus aspectos sociais e regulatórios. Esse cenário leva os países desenvolvidos a reduzirem o escopo e o dispêndio de seus programas de seguridade social, ocasionando o rompimento “modelo paternalista” do Estado que tudo provê.

Nesse contexto, Savoia, Saito e Santana (2007) não encontraram trabalhos que consolidassem as informações sobre educação financeira no Brasil e que, embora não seja obrigatória no sistema de ensino, o MEC em conjunto com o Ministério da Fazenda, a Secretaria da Receita Federal, a Secretaria do Tesouro Nacional, e as secretarias da Fazenda e de Educação dos estados, já vem implementando o Programa Nacional de Educação Fiscal, com o objetivo de capacitar os indivíduos no âmbito fiscal.

Retomando a discussão da inserção da educação financeira no âmbito educacional, Silva e Powell (2015) reforçam o entendimento da OCDE (2011, p. 6) ao afirmar que “o ideal seria que a educação financeira fosse integrada ao currículo escolar como parte de uma estratégia nacional, de modo que toda criança de um dado país ou jurisdição seja exposta ao assunto na escola [...]”.

Nas escolas brasileiras, é importante ressaltar ser comum a associação do ensino de matemática financeira com educação financeira. São duas áreas distintas

e com objetivos específicos. Segundo Assaf Neto (1998, p. 13) e Zentgraf (2003, p. 2) citados por Rossetti Júnior e Schimiguel (2009), a matemática financeira é o "estudo do dinheiro ao longo do tempo", que se preocupa com os aspectos temporais do dinheiro, além disto, esses estudos objetivam estabelecer relações entre quantias monetárias registradas em tempos distintos. A matemática financeira pode ser definida de forma mais simples sendo a aplicação da matemática para decisões de gestão a respeito de operações financeiras.

Por outro lado, a Educação Financeira é o processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos. Com base nesses elementos, as pessoas poderão fazer escolhas bem informadas, saberão onde procurar ajuda, adotarão outras ações que melhorarão o seu bem-estar e, assim, poderão contribuir para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro (OCDE, 2005).

Nessa perspectiva, Augustinis, Costa e Barros (2012) sugerem que, ao invés de desenvolvimento de programas de educação financeira, para um país como o nosso, seria mais interessante que se realizassem investimentos em duas grandes áreas de atuação: educação de um modo geral, onde creem que cidadãos bem educados são capazes de gerir seus recursos financeiros de modo satisfatório e maior supervisão financeira, acreditam que mercados financeiros bem regulados trariam um maior equilíbrio entre fornecedores e consumidores de soluções financeiras.

Embora a educação financeira não seja, efetivamente uma prática pedagógica nas escolas brasileiras, a maioria dos estudos ressalta a sua importância. Nessa perspectiva, Augustinis, Costa e Barros (2012) destacam que no Brasil, a proposta de implementação é o projeto Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), criada em 2010 por meio do Decreto Federal 7.397/2010. Ela se constitui como uma mobilização multissetorial com o objetivo de contribuir para o fortalecimento da cidadania, ao fornecer e apoiar ações que auxiliem a "população a tomar decisões mais autônomas e conscientes". Os autores, com o objetivo de comparar como a questão é tratada em outros países, mostram os tipos de programas que são desenvolvidos nos Estados Unidos, Reino Unido, Austrália, e enfatizam suas características:

- Estados Unidos: Escritório de educação financeira, com a proposta de que os cidadãos norte-americanos tenham o conhecimento prático necessário para tomar decisões sobre investimentos e fazer escolhas conscientes ao longo de suas vidas;
- Reino Unido: Estratégia Nacional de Capacidade Financeira, em uma ação conjunta com amplo grupo de organizações;
- Espanha: lançado em 2008, o Plano de Educação Financeira, destinado a atuais e futuros investidores, consumidores e usuários de produtos financeiros, abrange ações definidas dentro de uma política integral de educação financeira;
- Austrália: o tesouro nacional lançou em 2005, em seu departamento, a Fundação de Alfabetização Financeira, específica para tratar do tema.

Brito, Kistemann Júnior e Silva (2014), adotam postura mais crítica no que tange aos discursos e estratégias, quando investigaram o que chamam de “Processo de Legitimação da Educação financeira” (PLEF), analisando o recorte das propostas de estratégias no Brasil, Portugal e Espanha. Os autores questionam a quem interessaria educar financeiramente os indivíduos nos moldes em que é “proposta nos documentos”, principalmente aqueles emanados a partir de princípios advindos da OCDE.

Embora Brito, Kistemann Júnior e Silva (2014) não neguem a importância da educação financeira, propõem como poderia ser abordada e alertam para o cuidado em evitar a abordagem como “simples promotora” de incremento em vendas de produtos financeiros, tais como, seguros visando proteção de pessoas e patrimônios, planos de previdência privada sob a argumentação de maior preocupação com o futuro ou empréstimos e financiamentos para realização de sonhos. Mesmo que esses produtos e soluções financeiras tenham relevância, o modo como as instituições financeiras se apropriam do termo educação financeira estariam desviando a temática do campo da conscientização para a cidadania, para a “constituição de indivíduos consumidores de produtos financeiros”.

As afirmativas de Brito, Kistemann Júnior e Silva (2014, p. 26) se relacionam com o fenômeno do neoliberalismo, considerado um modo de pensar o mundo sob uma ótica econômica em que há um “demasiado valor na liberdade individual e uma inercial orientação das práticas sociais na vida cotidiana aos mercados e/ou sistemas econômico-financeiros”.

Nessa perspectiva assumindo um tom mais crítico em relação ao tema, Brito, Kistemann Júnior e Silva (2014) sugerem:

[...] qualquer proposta pedagógica sobre educação financeira esteja pautada pelo princípio do que estamos chamando, sem ainda termos a exata compreensão do que será de Educação Financeira Solidária. O princípio da solidariedade, portanto, é para se contrapor ao da individualidade que, julgamos, está a impregnar o modo como se desenvolvem tais iniciativas na atual sociedade de consumo (BRITO; KISTEMANN JÚNIOR; SILVA, 2014, p. 30).

É preciso ainda considerar o debate promovido pelo grupo de trabalho instituído pela Deliberação do Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiro, de Capitais, de Seguros, de Previdência e Capitalização – COREMEC nº 3/2007 (Data Popular 2008). O mesmo apontou que o nível de educação financeira da população brasileira era baixo e que, apesar dos seus entrevistados considerarem o dinheiro importante e necessário para a sobrevivência no dia-a-dia, eles não focalizavam uma dimensão de futuro, destinando parte crescente da renda familiar ao consumo, tornando as taxas de poupança demasiadamente baixas.

Tais fatores também contribuíram com a elaboração da ENEF, mobilização multisetorial em torno da promoção de ações de educação financeira no Brasil, instituída como política de Estado de caráter permanente. Suas características principais são a garantia de gratuidade das iniciativas que desenvolve ou apoia e sua imparcialidade comercial. Criada através do Decreto Federal 7.397/2010, a ENEF com o objetivo de contribuir para o fortalecimento da cidadania ao fornecer e apoiar ações que ajudem a população a tomar decisões financeiras mais autônomas e conscientes. A estratégia foi criada através da articulação de sete órgãos e entidades governamentais e quatro organizações da sociedade civil, que juntos integram o Comitê Nacional de Educação Financeira – CONEF.

O documento Orientação para Educação Financeira nas Escolas apresenta um modelo conceitual para levar educação financeira às escolas, com base na premissa de que a mesma contribui de forma significativa para a educação financeira dos alunos. Assim, os estudantes levariam esse conhecimento para suas famílias, em um efeito multiplicador, auxiliando e possibilitando um maior número possível de pessoas a tomar atitudes adequadas no planejamento e uso dos recursos financeiros, bem como permitir que planejem suas metas e sonhos.

### **3.3.2 Legislações sobre o ensino médio brasileiro**

Com conhecimento, o cidadão direciona sua proposta de vida pessoal e

profissional, além de estabelecer estratégias que direcionam o seu desenvolvimento, valorizando-as como seres humanos e por meio de uma educação permanente. A educação trilha o caminho da formação e, a partir do ensino médio, a tendência das instituições de ensino, com seus modelos de gestão, é tornar a educação um diferencial pelo conhecimento que gera e administra, sem ignorar que o aluno é o sujeito ativo do seu processo de aprendizagem, capaz de gerir novos conhecimentos com maior eficácia, incentivando e compartilhando aprendizagens.

Para o Brasil, os anos 80 Brasil foi uma década de transformação e, em meio às mudanças, teve início o processo de reforma, de reestruturação do Ensino Médio, justificada pelas mudanças econômicas e tecnológicas. Esse cenário foi construído com a Constituição Federal de 1988 determinando no art. 210 uma base comum nacional para o ensino fundamental, ampliada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/96) contemplando o ensino médio.

A LDB (1996) destaca que a missão do ensino médio é aprofundar conhecimentos, desenvolver o pensamento crítico e fundamentos tecnológicos, de uma atitude ética, a valorização das artes, da literatura e o aperfeiçoamento da condição humana, as disciplinas são Língua Portuguesa, Língua Estrangeira Moderna, Química, Física, Biologia, História, Sociologia, Artes e Educação Física.

Em relação ao ensino médio a LDB expressa seu objetivo no art. 35 preparar o aluno para “o trabalho e a cidadania, para continuar aprendendo, de modo que seja capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posterior”, disposto nos incisos:

Inciso I: a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos; Inciso II: a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores; Inciso III; o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico; Inciso IV: a compreensão dos fundamentos científico-tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina.

Saito, Savoia e Petroni (2006, p. 7) afirmam não há obrigatoriedade para que o currículo escolar brasileiro ministre a educação financeira no sistema de ensino, mas o “Ministério da Educação e Cultura (MEC) define parâmetros e de orientações, focados na contextualização do ensino, de forma que os alunos sejam submetidos a um processo de aprendizagem apoiado no desenvolvimento de competências para sua



inserção na vida adulta”.

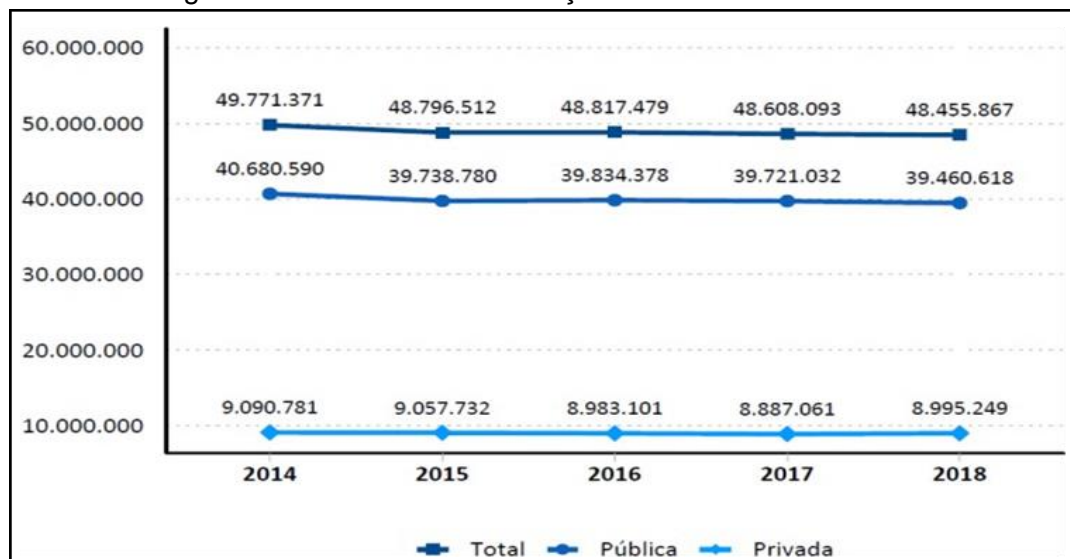
O ensino médio representa uma oportunidade de promover mudanças comportamentais nos alunos, para qualificar o ensino brasileiro e universalizar o atendimento, garantir que a aprendizagem de alunos do ensino médio garanta as aprendizagens dos alunos, contemple suas aspirações presentes e futuras, necessidade essa identificada e explicitada nas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNEB) na perspectiva de atender:

[...] um imenso contingente de adolescentes, jovens e adultos que se diferenciam por condições de existência e perspectivas de futuro desiguais, é que o ensino médio deve trabalhar. Está em jogo a recriação da escola que, embora não possa por si só resolver as desigualdades sociais, pode ampliar as condições de inclusão social, ao possibilitar o acesso à ciência, à tecnologia, à cultura e ao trabalho (BRASIL, 2011, p. 167).

As exigências da LDB/96 proporcionaram a organização estrutural do ensino médio, com a obrigatoriedade de ser respeitada pelas unidades escolares. O MEC tornou comum a base dos “currículos do ensino fundamental e médio em cada sistema de ensino, por uma parte diversificada exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia [...]” (BRASIL, 2006, p. 23).

Dados do Censo Escolar da Educação Básica 2018, divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) junto com as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação mostram que foram matriculados 48,5 milhões de alunos, distribuídos nas 81,9 mil escolas, na rede pública e privada, 88,7% na área urbana e 19,5% escolas rurais, como podemos observar no Figura 3.

Figura 3 – Matrículas na educação básica brasileira



Fonte: INEP (2018)

No ensino médio, foram “registradas 7,7 milhões de matrículas, indicando a queda nos últimos anos, devido à redução da entrada proveniente do ensino fundamental. Nos últimos cinco anos, o total de matrículas reduziu 7,1%” (INEP, 2018, p. 3).

A falta de inovação, criatividade e atratividades no planejamento das aulas no ensino médio causa a desmotivação na aprendizagem, principalmente quando o assunto envolve matemática e questões financeiras dentro da educação. Os alunos são jovens que conseguem contrapor o professor, criticam aulas, sugerem e quando não querem não participam das aulas. Nesta perspectiva, é interessante apresentar como está o ensino médio no Brasil, haja vista que qualidade é demanda e que a educação no Brasil é uma questão polêmica em todos os níveis de ensino. A Figura 4 mostra a queda do número de matrículas no ensino médio no período de 2010 a 2018, dados do Inep (2018).

Figura 4– Queda na matrícula no ensino médio



Fonte: INEP (2018)

Educação no Brasil é uma questão problemática que se torna cada vez mais preocupante em termos sociais e de formação, considerando a falta de qualidade do ensino e a precária qualificação do profissional docente. Podemos observar que muitas mudanças foram implementadas na educação brasileira, mas a qualidade é uma necessidade, uma demanda a ser atendida, um desafio a ser vencido (PINTO; AMARAL; CASTRO, 2016).

Outra questão é a proposta de universalização e expansão do ensino médio com qualidade que ainda representa um dos grandes desafios da educação brasileira. A concepção do ensino médio como caminho de formação de novos dirigentes sociais, com superação fator prático-profissionais requer investimento.

O ensino médio, assim como os demais níveis e grau de ensino da política nacional de educação, carece de qualidade na perspectiva de sua universalização, um processo que requer a definição no sentido de infraestrutura física e pedagógica, pois as instituições de ensino médio que carecem de estar conjugadas com a profissionalização docente.

Por vezes, como discutem Pinto, Amaral e Castro (2016), os gastos com o ensino médio são considerados elevados, vistos como fator que podem contribuir para agregar qualidade ao ensino, mas essa questão é polêmica na educação brasileira porque, para promover essa qualidade é preciso articular a proposta ao trabalho docente, formação, jornada de trabalho, remuneração e estrutura da carreira, tratamento adequado na pauta das políticas educacionais. Além disso, sabe-se que a educação está perdendo, cada vez mais, seu espaço prioritário na política nacional, considerando a proposta de mudança do ensino médio apresentada em 2016, com a Medida Provisória 746/2016, que busca atender as imposições da globalidade, formar o aluno para o mercado de trabalho, promover suas habilidades e desenvolver suas competências de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Espera-se no ensino médio, transpor barreiras ultrapassadas e romper paradigmas educacionais.

A Medida Provisória 746/2016 surpreendeu a classe estudantil, professores, estudiosos e pesquisadores da educação ao propor mudanças no ensino médio, instituindo a Política de Fomento à Implementação de Escolas de Ensino Médio em Tempo Integral, alterando a LDB/96 e a Lei nº 11.494/07 de regulamentação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação - FUNDEB (BRASIL, 2016). Como desdobramento dessa política educacional, aprovou-se a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) específica do Ensino Médio, um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

Embora o foco seja o Ensino Médio é preciso dizer que a educação financeira se apresenta timidamente nas orientações para o ensino fundamental. É possível

perceber que o tema pode ser abordado de modo articulado com os conteúdos: taxas de juros, inflação, aplicações financeiras, impostos, consumo trabalho e dinheiro, além de o documento sinalizar o caráter transversal do tema educação financeira com outras disciplinas.

No caso do ensino médio, compreendemos que esta é uma etapa educacional que pode ser a entrada para projetar a educação financeira, haja vista que a faixa etária dos alunos é propícia para a inserção dos seus objetivos e finalidades. Por entendermos que a escola é o espaço de encontro com o saber, descobertas de forma prazerosa e funcional, assumimos a ideia de que a apropriação dos alunos à educação financeira é um fato em potencial e que contribui para que os alunos desenvolvam a autonomia em relação a sua gestão financeira. A educação integral é uma possibilidade maior de proporcionar o ensino da educação financeira considerando seus objetivos e características específicas.

### 3.4 EDUCAÇÃO EM TEMPO INTEGRAL: O CASO CAPIXABA

Para o MEC, a educação em tempo integral é uma proposta pedagógica que visa a permanência dos alunos nas escolas, recebendo assistência integralmente em suas necessidades básicas e educacionais, resgatando sua autoestima e intensificando o processo ensino-aprendizagem. Em se tratando da definição:

[...] a educação em tempo integral constitui uma ação estratégica para garantir a proteção e o desenvolvimento integral às crianças e aos adolescentes que vivem na contemporaneidade marcada transformações: no acesso e na produção de conhecimentos, relações sociais entre diferentes gerações e culturas, nas formas de comunicação, na maior exposição aos efeitos das mudanças em nível local, regional e internacional (BRASIL, 2009, p. 18).

Desde a década de 1930, a política educacional busca implantar instituições escolares com essa concepção de trabalho. O aproveitamento dos alunos mereceu atenção e ser investigado. Buscou-se verificar que contribuições e mudanças têm surgido no cotidiano escolar frente a esse programa. Sendo assim, manifestou o interesse pelo desafiante problema, no sentido de buscar respostas plausíveis que comprovem essa transformação e melhoramento no contexto escolar (BRASIL, 2009).

O MEC definiu mecanismos legais para o cumprimento obrigatório de educação em tempo integral: CF/88, LDB/96, Estatuto da Criança e do Adolescente/90, Plano Nacional de Educação/14, Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino

Fundamental, o FUNDEB e o Programa Mais Educação, instituído pela Portaria Normativa interministerial nº 17/07 com o objetivo de oferecer aos jovens e adolescentes, atividades socioeducativas no contra turno escolar, que deverão estar articuladas ao projeto de ensino da escola, proporcionando uma educação completa.

A Educação em Tempo Integral encontra barreiras para sair do papel, se tornar efetiva, haja vista que essa nova forma de pensar o ser humano, de articular comunidade, programas e serviços se tornam desafiantes, requer compromisso com a inclusão social, com a ética e a cidadania. Seu tripé em relação aos processos pedagógicos e a função da escola, assegura o direito a educação, nas unidades de ensino e/ ou fora dela, para todos, desenvolvendo e articulando ações que viabilizam uma aprendizagem efetiva e significativa (BRASIL, 2009).

Ao garantir a apropriação do conhecimento historicamente produzido, a escola proporciona aos alunos dominar diferentes formas de linguagens expressões socioculturais, o desenvolvimento de habilidades para resolução de problemas e o pensamento lógico, contribuindo para a sua participação em diferentes grupos sociais (BRASIL, 2009). No caso do Estado do Espírito Santo, o processo de formação do aluno de ensino médio na política de educação capixaba, a partir de 2015 passou a contar com uma nova perspectiva: a Escola Viva, uma proposta de educação em tempo integral, implementado pela Lei Complementar nº 799. A proposta partiu da iniciativa de oferecer educação em tempo integral e constituir uma escola com experiências educacionais amplas e profundas, formar jovens capazes de realizar sonhos, competentes e solidários com o mundo em que vivem. A proposta pedagógica para a formação do aluno do ensino no âmbito da Escola Viva apresenta inovações no sentido de:

[...] acolher os alunos, as equipes escolares e às famílias, avaliação diagnóstica/nivelamento; disciplinas eletivas; salas temáticas; ênfase práticas em laboratórios; tecnologia de gestão educacional; tutoria; aulas de projeto de vida; aulas de práticas e vivências em protagonismo; aula de estudo orientado; e aprofundamento de estudo, preparação acadêmica/mundo do trabalho (SEDU, 2019, p. 1).

No Estado, são 32 unidades, instaladas em 23 municípios, ofertando 20 mil vagas. A expectativa é fechar o ano de “2019 com 36 unidades, ultrapassar mais de 21 mil e alcançar 27 municípios, currículo diversificado e flexível que oferece além das disciplinas obrigatórias, conteúdos de cinema, teatro, robótica, entre outros” (SEDU, 2019, p. 1). São quatro eixos curriculares que compõem o Caderno de Formação, com

as seguintes proposições:

a) Projeto de vida: metodologia de êxito da escola da escolha oferecida aos alunos, compõe a parte diversificada do currículo, trabalhando as habilidades do aluno em relação à autodeterminação, ao planejamento, a perseverança, o respeito, o autoconhecimento, o espírito gregário, a autoconfiança, o otimismo, a responsabilidade, a solidariedade, a iniciativa, a autonomia e a capacidade de fazer escolhas;

b) Práticas e vivências em protagonismo: são práticas educativas providas pela escola, suas parceiras ou por iniciativa dos alunos, que visam desenvolver, a partir de oportunidades, valores e competências pessoais e sociais, ampliação do repertório de conhecimento e valores necessários à formação, são ações concretas e intencionais;

c) Disciplinas eletivas: na definição da Sedu (2019, p. 24) possuem o objetivo de “aprofundar diversificar e/ou enriquecer os conteúdos e temas do BNCC já que a base curricular é organizada por áreas de conhecimento e exige um processo mais global de aprendizagem, articulado com várias dimensões do desenvolvimento”, são semestralmente oferecidas e propostas pelos professores e/ou alunos.

d) Estudo orientado: metodologia que visa a oferecer um tempo qualificado “destinado à realização de atividades pertinentes aos diversos estudos, não pode ser confundido com tempo de realizar tarefas, mas sim qualquer atividade relacionada às necessidades exigidas pelo estudo [...]” (SEDU, 2019, p. 31).

Observar os objetivos e finalidades de cada eixo curricular para a formação do aluno na Escola Viva serve para enfatizar que a educação em tempo integral é importante, pois defende o ideal de igualdade de oportunidades sociais e educacionais para todos, em todos os âmbitos da sociedade. Exemplo de que essa proposta tende a expandir é que comparado a 2018, segundo a Sedu, em 2019, no ensino médio, as matrículas em tempo integral subiram 17,8%.

Dados do Censo Educacional 2018 mostraram que os alunos do ensino médio matriculados na Escola Viva permanecem pelo menos sete horas/dia desenvolvendo atividades escolares, e esse número subiu de 7,9% em 2017 para 9,5%, em 2018. A expectativa é atender em tempo integral pelo menos 25% dos alunos da educação básica até 2024 (SEDU, 2019).

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 4.2 CONCEPÇÕES DOS ALUNOS SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA E DINHEIRO

A temática educação financeira tem sido abordada em diferentes pesquisas. Trazemos aqui a experiência didática prática realizada por Teixeira (2016) junto a 18 alunos do ensino médio de uma instituição federal e buscou apresentar, explorar e aprofundar os conceitos de educação financeira, centralizando o objetivo em desencadear reflexões pessoais e coletivas, usando a técnica de textos apresentados em tiras de papel. A proposta foi possibilitar que os alunos pudessem compreender recomendações e conceitos sobre o tema, a fim de que eles avaliassem suas crenças e concepções em relação ao próprio uso do dinheiro.

Em nossa pesquisa os alunos foram convidados a escrever sobre as suas ideias em relação à educação financeira, estes associaram que o tema tem relação direta com o dinheiro. Nesse contexto, buscando compreender a visão inicial que os alunos tinham do tema, inserimos as suas escritas no site *Wordclouds*, ferramenta de busca por palavras-chaves que representa a frequência de dados e expressões. A palavra usada foi dinheiro, e criada uma nuvem de palavras, conforme Figura 5:

Figura 5 – Percepção dos alunos sobre dinheiro



Elaboração própria

As palavras recorrentes na Figura 5 resultaram das escritas dos alunos no primeiro dia em sala de aula, posteriormente à apresentação dos objetivos da pesquisa. Ao entregarmos uma folha em branco para os alunos, pedimos que eles escrevessem três palavras ou expressões que lhes viessem à mente em relação ao dinheiro<sup>5</sup>.

Na Figura 5, vimos que a educação financeira, sob o ponto de vista dos alunos, encontra-se fortemente relacionada com a felicidade, mas também com a aquisição de bens materiais, ostentação, desejo, riqueza, compras, gastar, comida e necessidade.

No segundo encontro, quando mostramos para os alunos as nuvens de palavras elaboradas com base em suas escritas, perguntamos para eles o que os motivou a escrever aquelas expressões. Naquele momento, percebemos que a temática felicidade associada ao dinheiro foi aquilo que mais os chamou atenção, conforme evidenciam as suas narrativas:

Felicidade é um sentimento bom (ALUNO A, 2019).

Vejo a felicidade como aquilo que a gente tendo dinheiro pode comprar as coisas.

A pessoa precisa saber o que vai fazer com o dinheiro, pode ter dinheiro, mas se não souber gastar não vai ter felicidade e uma hora o dinheiro acaba.

Percebemos também que em suas narrativas os alunos associam a felicidade ao dinheiro e as argumentações apontam para diversos sentimentos ambiciosos: “a pessoa se sente importante; depende da felicidade que você quer, tem coisa que o dinheiro não pode comprar, mas o dinheiro é importante pra ser feliz”.

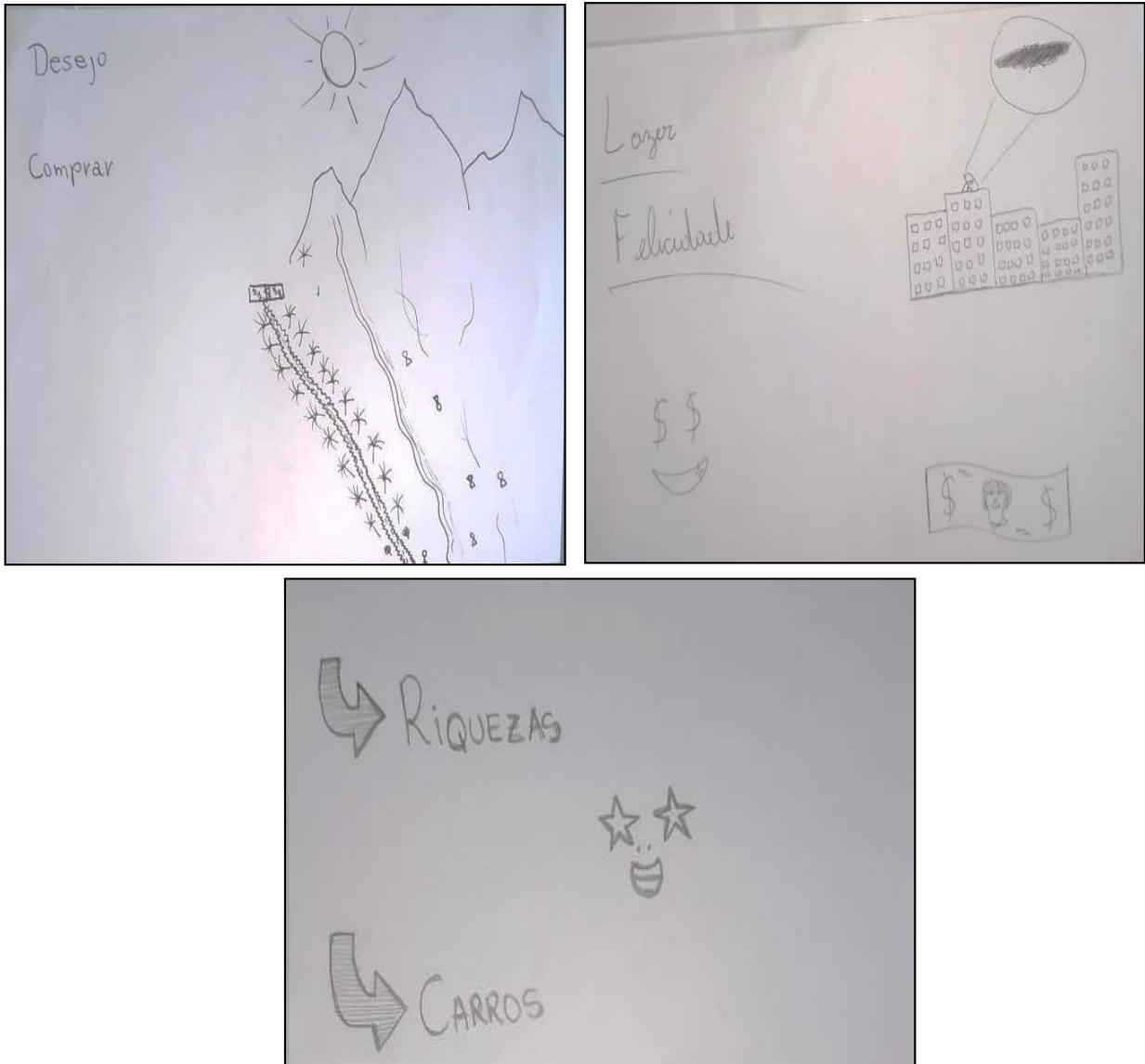
Na discussão no primeiro encontro foi possível observar que os alunos se interessaram muito pela temática. Quando propusemos a atividade de escreverem sobre o dinheiro, alguns até fizeram desenhos expressando sentimentos em relação à moeda. Embora com a quantidade de alunos em sala de aula acima do que seria recomendada, houve a participação esperada no desenvolvimento da conversa. Na Figura 6, apresentamos a sequência de desenhos dos alunos, em que notamos o significado que alguns alunos atribuem ao dinheiro.

---

<sup>5</sup> Dentre os motivos pelos quais Campos, Teixeira e Silva Coutinho (2015, p. 3) sinalizam ser importantes, para que a educação financeira seja trabalhada na escola, há: necessidade de praticar o consumo consciente, conhecer e evitar o consumismo compulsivo; entender a importância e as vantagens de planejar e acompanhar o orçamento pessoal e familiar; conhecer o papel da poupança como meio para realizar projetos e concretizar sonhos; e desenvolver a cultura da prevenção, ou seja, planejar o futuro pensando nas intempéries da vida.



Figura 6 – Significado do dinheiro para os alunos



Fonte: Diário de campo

O dinheiro é um meio de satisfazer necessidades e observamos que, para os alunos do ensino médio, significa desejo, comprar, lazer, felicidade, riqueza de obtenção de bens materiais de elevado custo, como por exemplo, carros. Esse significado é consoante com o que a literatura analisada por esta pesquisa alerta: a necessidade de orientar o aluno, o cidadão para a prática do consumo consciente é possível e necessário com a educação financeira.

Diante da articulação que os alunos fizeram sobre: felicidade e dinheiro, os sentimentos bons que o dinheiro poderia lhes trazer, aquilo que ele pode proporcionar, bem como o seu consumo consciente, optamos por discutir essa questão de modo específico, como evidencia a Figura 7:

Figura 7– O que é felicidade



Fonte: Diário de campo

A Figura 7 diz respeito à apresentação elaborada no *Microsoft Power Point*, em que levantamos questões iniciais sobre o uso do dinheiro. Apropriamo-nos, nesse caso, dos estudos de educação financeira que a concebem como um elemento de formação comportamental. Para Vieira; Júnior; Potrich, (2019, p. 5), ela pode ser o “remédio de informações para combinar políticas, que inclui oferecer mais opções aos indivíduos, proporcionar melhores informações e fornecer incentivos para que os consumidores mudam seus comportamentos”.

Observamos que a percepção imediata dos alunos sobre a relação dinheiro-felicidade também está conectada ao consumo, mas também com a autonomia, cidadania e consumo consciente. Quanto ao conceito dessas palavras, os alunos disseram que “cidadania é quando a pessoa tá ciente de seus direitos e de seus deveres; consumo consciente, é saber gastar; autonomia é quando uma pessoa pode tomar decisão” (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Diante do que eles afirmavam, foi preciso discutir, no segundo encontro, sobre a necessidade de uma formação baseada em uma educação crítica, conforme afirmam Campos, Teixeira e Coutinho (2017, p. 14):

Os princípios da educação crítica norteiam e potencializam os objetivos de educação financeira, por se alinhar com a ideia de educação para a cidadania e se propõe a trazer para a sala de aula o enfrentamento de problemas sociais decorrentes da má administração das finanças pessoais.

Complementamos os conceitos, e em seguida relacionamos o dinheiro e a felicidade aos sonhos ou realizações, pois, com base nas narrativas, pode-se observar que os alunos associam o dinheiro ao “querer que leva ao ter”. Esse desejo estimula o consumo, a aquisição de produtos e, sem o conhecimento de educação financeira, implica problemas. Ao abordarmos sobre sonhos e projetos para o futuro, distribuimos um sonho de padaria para cada um, explicando-os que, na educação financeira, os sonhos podem ser realizados a partir de um planejamento e consumo conscientes. Assim, discutimos sobre dinheiro, felicidade e sonho, estimulando um momento ainda mais interativo. Após falarmos sobre sonhos de curto, médio e longo prazo e a relação destes com o dinheiro, foi proposto que os alunos se dividissem em três grupos para produzirem um esquete, tendo como tema central o dinheiro. Nessa atividade, obtivemos a participação de todos, tanto na discussão e elaboração das peças, quanto nas apresentações.

Ao incorporarem os personagens, os alunos ficavam muito mais à vontade para falar, do que sentados em suas cadeiras. Com base nas discussões anteriores (dinheiro, felicidade e sonhos), fomentadas pelas nuvens de palavras, os alunos desenvolveram as suas próprias esquetes sobre diferentes temas. A Figura 8 mostra os alunos discutindo sobre as temáticas a serem abordadas em suas apresentações.

Figura 8 – Estruturação de esquete sobre sonhos



Fonte: Diário de campo

Por outro lado, na Figura 9 registramos o momento da apresentação do Grupo 1, no qual os personagens buscam contrair um empréstimo em um banco.

Figura 9 – Apresentação de esquete



Fonte Diário de campo

Os grupos apresentaram esquetes voltadas para as seguintes temáticas:

O Grupo 1 trabalhou a abertura de empresa de marcenaria, contraindo empréstimo bancário para alavancar os negócios.

A proposta do Grupo 2 criou uma situação na qual as pessoas usam dinheiro sem pensar, sem planejar. No casamento, as pessoas sonham que vão casar e tudo certo, pegam dinheiro emprestado, mas não pensam na hora de pagar as dívidas.

O Grupo 3 destacou situações envolvendo dinheiro, tanto ruins (queriam fazer o lanche, mas sem dinheiro e o pai desempregado) como positivas (com o pai após conseguir um emprego, poder entregar um valor aos filhos para satisfazer o sonho de consumo, no caso, o lanche). Os alunos falaram que 'o dinheiro, mesmo sendo pouco, às vezes a gente não tem ele naquela hora' (DIÁRIO DE CAMPO, 2019).

Com base nos esquetes foi elaborado um material que discutisse com os alunos os fatores que impulsionam o consumo, e o resultado alcançado pode ser observado na Figura 10, ou seja, o desejo e a necessidade, muitas vezes não suprem as necessidades e em muitos casos são dispensáveis; a necessidade nesse contexto é

vista como indispensável.

Figura 10 – Fatores que impulsionam o consumo

**Fatores que impulsionam o consumo**

**DESEJO**  
 Não supre uma necessidade básica  
 Pode ser dispensável

**NECESSIDADE**  
 Algo indispensável para viver: alimentação, abrigo, sono, segurança...

Fonte: Diário de campo

Ao partirmos dos esquetes e dos temas relacionados com a educação financeira, provocamos discussões que girassem em torno do consumo como fator que impulsiona o desejo de compra. Nesse caso, os alunos (2019) destacavam:

A palavra moda, quando as pessoas querem seguir aquilo que acham que é a onda do momento;  
 O gosto ou estilo de cada um;  
 O exemplo ou influência de amigos, vizinhos, familiares, artistas ou de comerciais;  
 Desejo e necessidade, onde o desejo pode ser que não supre uma necessidade básica e pode ser dispensável e necessidade é o que a gente precisa para viver: alimentação, abrigo, sono, segurança.

Observamos, com base nas narrativas dos alunos, que o processo de aprender a controlar as finanças requer conhecimento acerca da educação financeira e não apenas de simples habilidade matemática. Planejar os gastos financeiros com antecedência é a melhor forma de não adquirir dívidas impagáveis no futuro.

Os alunos também associaram a necessidade de controle financeiro à cidadania, quando destacam que a “cidadania está relacionada ao cidadão ciente de seus direitos e deveres, para o consumo consciente, para saber gastar os recursos vez que são finitos [...] (DIÁRIO DE CAMPO, 2019)”.

Percebe-se, em suas falas, que o consumo consciente é o ato de adquirir e usar bens, alimentos e recursos naturais sem exceder as necessidades. Reforçando

que, além de ser uma questão de cidadania, essas atitudes que ajudam a preservar o meio ambiente também é uma questão de hábito.

A presença da família foi algo constante nas narrativas dos alunos, motivo pelo qual organizamos o terceiro encontro com foco na necessidade de os familiares tratarem juntos a questão financeira. Para isso, recuperamos os temas abordados nos esquetes, dando a todos a oportunidade de se verem em vídeo as suas atuações. O Grupo 1, em especial, apresentou representar um empreendimento familiar que sem “planejamento, atenção à demanda que cresce e não seguir as orientações do contador, resultou em queda na receita, demissão de funcionários e rescisão de contrato com o contador, cobrando honorários” (DIÁRIO DE CAMPO, 2009).

Fundamentamo-nos, para discutir essa questão com os alunos, nos estudos de Teixeira (2015, p. 13), sobre a necessidade de compreensão do papel da educação financeira em nossas vidas, “pois ela possibilita uma aprendizagem econômica, ensinando-nos a cortar gastos, poupar e acumular dinheiro. Por meio dela também, que buscamos uma melhor qualidade de vida tanto hoje quanto no futuro”. Quando discutimos os problemas financeiros encontrados no empreendimento familiar, representado pelo Grupo 1, sinalizamos a importância de planejamento financeiro que possibilita a segurança material necessária, para obter uma garantia para eventuais imprevistos.

No quarto encontro, com os alunos já mais participativos e satisfeitos com os resultados das atividades anteriores, foram trabalhados o primeiro emprego e as situações não programadas a que estamos sujeitos, acontecimentos como tragédias, festas, viagens ou mortes na família, situações fora da rotina, contextos inesperados que na maioria dos casos ocorrem em momentos em que o dinheiro para suprir os fatos não está disponível. Essa situação, de alegria e/ou tristeza e tragédia pode ser observada na Figura 11.

Observamos pelas narrativas, entendimento e esquetes dos alunos sobre o significado do dinheiro que, para satisfazer uma necessidade é preciso dinheiro que se obtém por meio do trabalho, que na maioria dos casos dependendo uma formação profissional de nível superior. A atividade profissional possibilita ganhar um salário que permite honrar os compromissos dos sonhos e necessidades do cotidiano por meio de crédito, empréstimos, etc. A profissão é uma questão importante pois os alunos fazem parte de uma escola que discute projetos de vida centrados na cidadania, criticidade e dignidade, ou seja, orienta na escolha de um trabalho que fará dele um

cidadão responsável com suas finanças.

Figura 11 - Situações fora da rotina



Fonte: Diário de campo

Groenwald e Olgin (2018) entendem que a educação financeira é uma temática importante para reflexão e discussão em sala de aula com alunos do Ensino Médio, pois possibilita conexões entre os conteúdos matemáticos desenvolvidos em sala de aula e questões da vida pessoal (consumo responsável e sociedade), da vida profissional (questões trabalhistas), e da vida social (ética e sustentabilidade).

De modo geral, organizamos as discussões nos grupos focais, focalizados no cenário atual brasileiro, em que a maioria dos cidadãos vive um caos financeiro, caracterizando um perfil de endividamento, evidenciando a necessidade de abordar no ambiente escolar os eixos centrais da educação crítica para promover a aprendizagem cidadã.<sup>6</sup>

Não poderíamos negar a associação entre o desenvolvimento de uma prática baseada em uma aprendizagem cidadã, coadunando com os propósitos que são concernentes à educação financeira. Nesse sentido, baseamo-nos em Araújo e Souza (2012), para orientar as discussões no que se refere à necessária compreensão de uma cidadania financeira como exercício dos direitos e cumprimento dos deveres dos cidadãos sobre o seu dinheiro.

<sup>6</sup> O artigo 2º LDB/96 destaca que para uma nova educação é “preciso ambientes que possam preparar e educar cidadãos críticos, atuantes e livres, que liberem energia em atividades em grupo; no pensar e no fazer modernos, que sejam questionadores, participem de uma educação mais humana e fraterna [...]” (BRASIL, 1996, p. 15).

Buscamos, assim, contribuir com a formação cidadã dos alunos, para que eles exercitem a sua autonomia e, com base nela, possam ter confiança para tomar as suas próprias decisões, no que se refere ao uso do dinheiro.

#### 4.3 CONCEPÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE EDUCAÇÃO FINANCEIRA E DINHEIRO

No processo de produção de entrevistas com os docentes, percebemos que os colaboradores desta pesquisa têm se colocado como mediadores da construção do conhecimento, assumindo novos papéis e responsabilidades no exercício da sua profissão, inclusive abordando a educação financeira na perspectiva do comportamento financeiro do aluno.

Demanda que pode ser observada nas narrativas do Prof. de Matemática A, Prof. de Matemática B e de Prof. de Filosofia.

Prof. de Matemática A (2019): A matemática financeira é trabalhada no ensino médio regular superficialmente, a gente não consegue desenvolver no aluno todo esse conhecimento que é a proposta que você está trazendo [...] Prof. de Matemática B (2019): É possível trabalhar com esse conteúdo no Ensino médio com a oportunidade que temos na Escola Viva, onde temos um pouco mais de liberdade. Pois o tema dessa eletiva foi voltado para a possibilidade de matemática financeira, que não teríamos no ensino médio convencional Prof. de Filosofia (2019): [...] tem situações que é possível trabalhar a educação financeira. No segundo ano, quando abordamos as relações de trabalho, discutimos com base em Karl Marx, nosso referencial teórico. Foi inevitável falar da questão do consumismo exagerado [...].

De acordo com as narrativas dos professores de Matemática, a educação financeira ainda não é prioridade no ensino médio convencional, momento em que as discussões ainda são pautadas pela matemática financeira, uma disciplina com propósitos e objetivos muito diferenciados, do que busca e propõe a educação financeira.

Notamos que os professores, mesmo sinalizando as dificuldades em trabalhar os conteúdos da educação financeira no ensino médio regular, também demonstram a possibilidade de aprofundamento, na Escola Viva, dada a “flexibilidade” do próprio currículo. Nesse sentido, as discussões sobre o tema se tornam potenciais, na Escola Viva, pela possibilidade de serem abordadas questões que atendam às necessidades, interesses e experiências de vida dos alunos, contribuindo para que a educação financeira se torne parte integrante de suas experiências. Comprendemos que, além



de promover as habilidades e competências de analisar e avaliar, criticamente as situações financeiras, esse conteúdo pode promover responsabilidade no uso do dinheiro, influenciando diretamente as decisões econômicas dos indivíduos e das famílias (ROSSETTI JÚNIOR; SCHIMIGUEL, 2009; SAVOIA; SAITO; SANTANA, 2007).

Diante da potencialidade que os professores sinalizaram em abordar a educação financeira no Ensino Médio, e ao levarmos em consideração a proposta de ensino da Escola Viva, buscamos identificar junto aos professores de que modo a escola oferece a oportunidade de se trabalhar o tema, já que não há obrigatoriedade.

Para o Prof. de Matemática A (2019):

É possível fazer isso através da eletiva como ela é aberta é o professor quem desenvolve a temática a gente consegue trabalhar dessa forma. Mas se eu fosse analisar os conteúdos trabalhados na BNCC, como disse o Prof. 2, e trabalhando em uma escola de tempo parcial você não tem esse tempo disponível e também o conteúdo ali como é que eu posso dizer, ele não abrange tanta coisa assim como deveria ser trabalhada. Na matemática financeira, ele é muito mais superficial, já que a escola viva escola de tempo integral permite trabalhar com as eletivas, para escolher propostas e aprofundar. Aí sim ter a base, a teoria, com certeza.

Parece-nos que o entendimento do Prof. de Matemática A encontra respaldo nas proposições da Sedu (2019, p. 24; 31), quando trata das disciplinas eletivas e destaca que seus objetivos consistem em “aprofundar diversificar e/ou enriquecer os conteúdos e temas da BNCC [...] e no estudo orientado, metodologia de êxito para a realização de atividades pertinentes aos diversos estudos [...]”. Destaca, ainda que no Ensino Médio regular, o trabalho com a educação financeira ainda não permite que o conteúdo seja abordado de modo amplo, sugerindo aproximações com aquilo que afirmam Scolari e Grando (2016, p. 5), “não se deve entender a educação financeira como um ensino de macetes e regras vindos dos conteúdos da matemática financeira”.

Sabemos que o MEC propõe a educação financeira como tema transversal no Ensino Médio, ou seja, ele deve ser trabalhado em consonância com várias disciplinas. Contudo, do modo como a matemática é abordada em sala de aula, será que os próprios professores da Escola em Tempo Integral percebem essa necessidade? Como é possível a educação financeira ser trabalhada por diferentes componentes curriculares de modo transversal?

Em sua narrativa, o próprio Prof. de Matemática A (2019) faz essa reflexão, afirmando que a abordagem da educação financeira é transcendente à Matemática,

caso:

[O conteúdo ensinado] não for direto no cálculo sobre conceitos e teorias da matemática, falar sobre o conceito e a ideia de educação financeira, cidadania e autonomia é voltar para uma área de conhecimento, que já é paralela à nossa. Então, existe essa transversalidade.

Em um primeiro momento, é possível captar que, para o professor, o ensino da Matemática tem se centralizado em metodologias que exploram o ensino de cálculos sem contextualização, sobretudo baseado nas teorias da própria área do conhecimento, possivelmente em decorrência de avaliações e a necessidade de se obter, no final do trimestre, índices satisfatórios para o PAEBES.<sup>7</sup> O professor sinaliza também a possibilidade em se trabalhar com outros “componentes curriculares, para que a educação financeira seja abordada de modo mais complexo na escola”. Essas narrativas indicam a possibilidade de promover a interdisciplinaridade da matemática com outras disciplinas e, assim, inserir a educação financeira em sala de aula.

De fato, essas possibilidades podem ser vistas nas entrevistas de professores de outros componentes curriculares, como ocorre com o professor de História, que também ministra a disciplina intitulada Projeto de vida. Ao ser perguntado sobre o projeto com a educação financeira, afirma:

Prof. de História (2019): Com essa abordagem específica eu nunca usei. Aliás, pra não dizer que nunca usei, sim eu uso, mas é muito mais subjetivo, muito mais sob o olhar de poupar se você quer algo, de pensar e observar o mercado em termos de investimentos que podem trazer uma rentabilidade maior para que você possa realizar. Mas, como eu não tenho nenhuma formação em cima disso, seria no mínimo presunçoso da minha parte falar que estaria trabalhando educação financeira. Não, não estou.

Parece-nos que há uma associação, da parte dos professores, da educação financeira com a Matemática. Embora o professor de História e o de Sociologia abordem o tema em suas aulas, há uma compreensão de que não o fazem com tanta especificidade. O Prof. de Sociologia afirma:

Trabalhada é sim, com questões, problemas sociais e conflitos sociais dentro das relações sociais, sem essa especificidade da educação financeira, porque, na verdade, ela é uma questão muito específica e de certa forma infelizmente pouco difundida [...]”.

---

<sup>7</sup>Programa de Avaliação da Educação Básica do Espírito Santo (PAEBES), instituído em 2000 pela Secretaria de Educação do Estado do Espírito Santo, “para avaliar, permanente e continuamente, o sistema de ensino do Estado e o desempenho de alunos da educação básica - Ensino Fundamental e Ensino Médio” (SEDU, 2019).

Com base nas entrevistas dos professores, temos compreendido que, respeitadas as especificidades de cada componente curricular, conteúdo da educação financeira tem sido abordado pelas diferentes áreas do conhecimento, o que contribui para que os alunos o compreendam de modo mais complexo e vejam sentido naquilo que aprendem. Essas entrevistas também evidenciam a potencialidade de trabalhos pedagógicos que assumam eixos em comum e, com base neles, desenvolvam-se projetos que estabeleçam articulação entre os diferentes componentes curriculares.

Desse modo, a interação entre conteúdos caracteriza a interdisciplinaridade,<sup>8</sup> isto é, uma forma de pensamento que procura explicar os fatos por meio de diferentes pontos de vista. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais voltadas para o Ensino Médio, a interdisciplinaridade estabelece relações entre as diferentes áreas do saber, fazendo uma junção dos conteúdos ministrados por cada um, que completa o sentido do outro. Esses conteúdos devem ser contextualizados, expressos por formas de ensinar e de aprender de modo articulado com as experiências de vida dos alunos.

Não se deve entender a interdisciplinaridade como justaposição de disciplinas diferentes, que organizam estudos para esclarecer os elementos comuns entre elas. A interdisciplinaridade mostra a relação entre os conhecimentos científicos de diferentes assuntos e os que são construídos nos bancos escolares. No processo de formação do aluno, associando a educação financeira com a interdisciplinaridade, trabalham-se “reflexões sobre o processo de construção da autonomia financeira de alunos, com base em fundamentos da educação crítica acerca da realidade dos alunos e de suas reais necessidades” (CAMPOS; TEIXEIRA, COUTINHO, 2015, p. 19).

Vinculada ao currículo integrado, a interdisciplinaridade permite a criação de novos objetos de conhecimento, além de possibilitar a continuidade da aprendizagem e que a mesma se converta em novas possibilidades de ensino na perspectiva social e intelectual, mediadas pelo professor. Assim, na educação contemporânea, a prática da interdisciplinaridade é uma necessidade, entendida como uma forma de pensamento que procura compreender os fatos, partindo de diferentes pontos de

---

<sup>8</sup>Em se tratando de conceito, há muitos termos correlatos: transdisciplinar, intransdisciplinar, pluridisciplinar, multidisciplinar. São tentativas de formular um conceito nessas diferentes versões presentes no campo educacional, que podem ter como embasamento os pontos de vista didático, epistemológico, sociológico (BRASIL, 1998).

vista. Muitas disciplinas se aproximam e se identificam, outras se diferenciam e se afastam, dependendo dos aspectos que se pretende conhecer. São essas diferenças de conteúdos e finalidades, que reforçam a necessidade de inventar a educação financeira no cotidiano da sala de aula, em função de suas expressivas e significativas contribuições na formação do sujeito social crítico, pensante.

Mesmo diante da potencialidade em trabalhar em diálogo com outros componentes curriculares, o Prof. de Matemática B pondera sobre essa questão, especialmente devido à demanda de conteúdos que precisa ensinar, na disciplina de Matemática. Nesse contexto, ele afirma que “a educação financeira se perderia no meio do caminho”. De fato, embora reconheçamos que há articulação direta entre a educação financeira e a Matemática, compreendemos a extensão daquilo que deve ser ensinado por esse componente curricular, sobretudo porque a ele recai o sentido de valorização daquilo que é trabalhado e avaliado no espaço escolar.<sup>9</sup>

Além dessas problemáticas, notamos que os professores compreendem que a presença da educação financeira como um conteúdo abordado em uma disciplina eletiva, favorece a sua compreensão sobre outros conteúdos. Observamos que, para os professores, essa experiência significa:

Os alunos estão na eletiva por vontade própria, têm interesse no tema, o que exige que as aulas sejam dinâmicas, pois a matemática financeira não é um assunto 100% prazeroso.

É uma abordagem que possui uma vantagem por ter pego um público interessado nessa disciplina, muito diferente de pegar uma turma do ensino médio, com um público totalmente diversificado e que nem todos terão aqueles mesmos focos.

Há um ponto importante que deve ser destacado na fala dos professores: o modo proposto para tratar a educação financeira partiu de um contexto social criado para despertar o interesse e a atenção dos alunos pelo tema. Embora a própria especificidade das disciplinas eletivas seja o interesse dos alunos em aprender determinado conteúdo, foi necessário, de nossa parte, desenvolver metodologias que pudessem aproximar as discussões levantadas na sala de aula das demandas e

---

<sup>9</sup> Conforme Charlot (2000, 2002), a escola é um espaço em que a apropriação dos saberes enunciados em livros se apresenta como condição ao sucesso escolar. Ou seja, o uso, ou não, de suportes que registrem e deem visibilidade ao que foi aprendido/ensinado sinaliza como algumas disciplinas são consideradas com maior relevância em detrimento de outras. Essa hierarquização tem demarcado as representações dos alunos e dos professores acerca dos conhecimentos pedagogizados pela escola, assim como as relações de força entre os saberes, tomando como referência o que, institucionalmente, é valorizado, isto é, o ler, o escrever e o contar.

necessidades dos alunos. Buscávamos, assim, auxiliá-los em relação às suas próprias questões cotidianas e à apropriação de conhecimentos iniciais da Economia, sem, com isso, afastá-los do foco central das aulas por trazermos conteúdos muito complexos para o ensino médio.

Temos sinalizado, dessa maneira, que o desenvolvimento de metodologias pautadas na motivação e no interesse dos alunos para com os conteúdos de Matemática, associados à educação financeira, podem contribuir com a realização de outros estudos, que assumam as práticas de ensino como foco, a fim de “[...] elaborar propostas educativas que abordem temáticas relevantes e que estejam em constante diálogo com o outro, que predisponha constantes revisões, análise crítica e a uma certa rebeldia” (GROENWALD; OLGIN, 2018, p. 85). Ou seja, uma educação que leve o homem a uma nova posição em frente aos problemas do seu tempo.

Nesse sentido, desenvolvemos encontros fundamentados na ideia de que o trabalho com a educação financeira na escola deve ser marcado pela flexibilidade e pela não linearidade. Referenciamos em Rebelo e Rocha Filho (2015) para projetarmos uma prática que assume como eixo a educação pela pesquisa, que visa ampliar o planejamento linear, presente em grande parte dos atuais currículos e livros didáticos adotados nas escolas.

Quando questionados sobre em quais situações os professores percebem o uso da educação financeira para os alunos, afirmaram:

Prof. de Matemática A (2019): “dependendo de como forem abordadas e conduzidas, essas temáticas levam para casa até aquilo que se trabalha na eletiva, e acabam trocando essas ideias com os familiares”.

Prof. de Matemática B (2019): quando se fala do conceito, da existência da educação transversal, educação para o século 21, que parte da matemática não só financeira, o tema ganha mais importância. Para evitar que seja somente um caçador de índice, se você forma um sujeito que tem autonomia econômica por meio do pensamento, é mais difícil dele ser manipulado, se tornando um cidadão mais crítico [...]”.

Uma das relações que integram a educação financeira está voltada para o comportamento familiar em relação ao uso do dinheiro. Em seus estudos, Rebelo e Rocha Filho (2015) destacam as novas gerações de estudantes que não vivenciaram as mudanças econômicas do nosso país, e que frequentam o ensino fundamental e médio, provavelmente não estão sendo preparadas para desempenhar um papel “consciente” a partir da economia atual.

O que se observa nas colocações é que a educação financeira pode ser a alternativa e/ou estratégia para auxiliar a mudança comportamental do cidadão,

orientando e reorientando a cuidar do dinheiro e tomar decisões acertadas de como, quando, onde e porque gastar sem comprometer as demais necessidades básicas do ser humano. Um caminho oportuno pode ser a educação integral, haja vista seus objetivos de formação do aluno.

Em um trecho da entrevista com o Prof. de História (2019) percebemos ser preciso aprofundar a discussão sobre a inserção da educação financeira no âmbito escolar, priorizando alunos do ensino médio, tendo-a como disciplina obrigatória na grade curricular. Para o professor, na Escola em Tempo Integral, a educação financeira teria maior visibilidade com a disciplina Projeto de Vida, “aonde fala-se muito de realização de sonhos, buscando contribuir com eles na organização, no planejamento desse projeto porque precisa de um plano de ação”.

De fato, a relação que o professor realiza entre a realização de sonhos com o uso adequado do dinheiro, também foi encontrado nas narrativas os alunos. Muitos destacaram que seus sonhos eram “ser rico; fazer faculdade de Psicologia, Odontologia, Curso de Formação de Oficiais da Polícia Militar, constituir família, viajar, ter casa própria; começar a trabalhar com um bom salário [...]” (DIÁRIO DE CAMPO, 2019). São desejos e sonhos que dependem de controle e planejamento financeiro para serem concretizados. Muitas vezes, o desejo de consumir é estimulado pela publicidade, pelo marketing de um produto e/ou serviço, que influencia diretamente o comportamento do cidadão, impacta e desperta a necessidade do adolescente.

É interessante notar que em suas narrativas que o olhar dos professores sobre a educação financeira está relacionado à sua área de formação, como destaca o Prof. de Sociologia (2019) que direciona a questão à construção da cidadania partindo de “[...] conceitos políticos econômicos e sociais, que entendemos direitos e deveres, que passam por uma questão de dignidade. Esse é o mínimo necessário, que se espera de uma sociedade capitalista e neoliberal”

O professor formado em Sociologia compreende o uso do dinheiro de modo articulado com as políticas socioeconômicas e alerta para consumo exagerado dos adolescentes. Ter, obter e sonhar com conquistas materiais sem controle econômico pode gerar o endividamento por gastos exacerbados, pois:

[O uso do dinheiro] requer alguns princípios básicos. Eu acredito, por exemplo, que quando se tem uma ideia de uma necessidade de consumo consciente, ela pode ser a base para a construção de um planejamento. É preciso compreender conceitos e procedimentos matemáticos para tirar conclusões e fazer argumentações para o cidadão agir como consumidor

prudente ou tomar decisões em sua vida pessoal e profissional. (PROF. DE SOCIOLOGIA, 2019).

Palavras bem colocadas e consoantes no campo educacional, considerando a concepção e compreensão da educação financeira atual, em que todo ser humano possui sonhos e a maioria busca realizá-los. Essas questões podem ser observadas com mais clareza em estudos que mostram a necessidade veemente da educação comportamental, em se tratando das finanças dos adolescentes. Discussão essa reforçada por Augustinis, Costa e Barros (2012, p. 4), quando afirmam que o “comportamento financeiro dos indivíduos é fortemente influenciado por fatores que independem de seu grau de educação [...] que sofre influência do ritmo acelerado de mudanças no mercado”.

Embora essa colocação tende a associar a educação financeira no âmbito comercial, essa análise pode se aplicar no contexto escolar, na formação do aluno, pois, como afirma Bessa e Ronchi (2017, p. 3), a escola pode contribuir para “promover reflexões a respeito do comportamento de consumo, ampliar o olhar dos jovens sobre as relações que estabelecem no ato de comprar, de forma a maximizar os recursos disponíveis nesse processo de formação para a vida”.

Aplicar a educação financeira no espaço escolar não consiste em apenas apresentar uma disciplina. Para Dal Magro et al. (2018, p. 2) as condições socioeconômicas e demográficas de jovens são partes “determinantes da educação financeira na formação de crianças, jovens e adolescentes, e ajudariam na formação de uma cultura para poupança e conscientização do sistema financeiro”. O propósito da educação financeira na escola não configura em calcular juros, entender oscilações de mercado ou simplesmente aprender a economizar, consumir financeiramente de modo consciente.

A questão da educação financeira na escola e no ensino médio envolve alguns debates importante, haja vista as diversificadas vertentes que essa proposta abrange e elementos com os quais se relaciona: consumo consistente, gasto, comportamento financeiro, entre outros. A Diretora da Escola em Tempo Integral (2019) analisa:

Diretora Escola em Tempo Integral (2019): Bom, independentemente do modelo de escola em que se está trabalhando, que em nosso caso é escola em tempo integral, vejo que a educação financeira deva constar no currículo, na organização curricular da escola, que fosse na disciplina de matemática, uma subdivisão pra trabalhar a educação financeira. Por quê? Primeiro a gente vive em um país com uma instabilidade econômica muito grande, então a cada dia os noticiários trazem situações como o quanto cresce em nosso país a inadimplência, pessoas que acabam negativando seu nome por má

administração do seu dinheiro ou por necessidades específicas que surgem no meio do caminho e também a cada dia surgem modelos novos pra tentar manter no país um padrão de consumo. Então vem essa liberação de FGTS, vem essa liberação de PIS/PASEP, vem essas renegociações, ou seja, é um país que, na minha visão de economia, vive alimentando na população um padrão de consumo fora do padrão de realidade de recebimento. Ao final, o brasileiro repete o padrão que o governo constrói: gasta-se mais do que se ganha. Isso vai criando um desequilíbrio econômico muito grande nas famílias.

Nessa perspectiva, a educação financeira estaria associada a finanças pessoais. Mas, não se pode negar que também entre os jovens e adolescentes, o contato com o dinheiro está muito ligado a gastos, nesse caso, a “educação financeira mostra diversas ferramentas para que as pessoas tenham uma vida financeira mais saudável, ou seja, uma vida sem dívidas e imprevistos (SILVA; TEIXEIRA; BEIRUTE, 2016, p. 4).

A abrangência de aplicação da educação financeira no âmbito do ensino médio contempla inúmeras necessidades dos alunos dessa modalidade de ensino, o que justifica a sugestão do tema na composição do BNCC, com o “propósito de direcionar a educação brasileira para uma formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva (VIEIRA; MOREIRA JÚNIOR.; POTRICH, 2019, p. 3). Um olhar atento a essa questão, mostra a justaposição com os objetivos da Escola Viva, levando em consideração o elevado nível de jovens já endividados no Brasil.

O ensino de educação financeira na Escola em Tempo Integral para o Prof. de História (2019) possui amplas possibilidades de ser implementado em sala de aula e destaca:

Embora eu não tenha experiência fora da escola em tempo integral, se eu planejar, talvez seja possível abordar essa temática, pois me deparei com essa disciplina aqui e me lembro de uma atividade realizada, com os alunos divididos por área de conhecimento. E havia os meninos de conhecimentos de humanas, da natureza, matemática e linguagens e códigos, eles pesquisaram e produziram uma pesquisa extensa sobre quais cursos superiores e profissões poderiam optar para quem tem predileção por cada por cada uma das áreas. Assim, quem tem habilidades e a predileção pelas humanas, qual a profissão que eles poderiam seguir e chegaram a inúmeras profissões e a média salarial dessas profissões [...] (PROF. DE HISTÓRIA, 2019).

Entre os adolescentes é perceptível a necessidade de adquirir coisas, como por exemplo, tênis, celular, mochilas que são produtos do momento, que despertam o desejo de ter. Nesse contexto, a participação da família é fundamental na orientação do comportamento financeiro dos filhos, assim a escola formal poderia atuar como



“interveniente no processo de ensino, aprimorando os conhecimentos financeiros adquiridos na família e no círculo social para melhoria na alfabetização financeira dos adolescentes” (DAL MAGRO et al. 2012, p. 2).

Essa questão já mostra a importância da parceria e relação família-escola, levando em conta, como ressaltam Campos, Teixeira e Coutinho (2015, p. 8), “comportamentos cotidianos simples que impactam fortemente na saúde financeira das famílias”, a educação financeira de alunos do ensino médio pode ser uma estratégia para evitar problemas dessa natureza.

O consumo é estimulado de diferentes formas e de acordo com a faixa etária para desenvolver no cidadão a necessidade de buscar um objeto, um produto ou bem. Nesse contexto, Teixeira e Kistemann Júnior (2017, p. 7) enfatizam que a educação financeira, no âmbito escolar, passa a ter papel social mais importante, em se tratando da “possibilidade de se consumir produtos de maiores valores e de se deparar com melhores oportunidades, torna-se importante aperfeiçoar o comportamento das pessoas diante de suas finanças e planejamentos”.

Um dos caminhos para explorar a educação financeira no contexto escolar e em turmas do ensino médio, na concepção de Silva e Powell (2015, p. 12) encontra respaldo em ser a forma mais eficiente de levar o assunto, em larga escala, a toda uma geração de jovens, para também inculcar e fomentar comportamentos e uma cultura financeira mais sólida nos estudantes [...]”.

Observamos que a educação financeira na escola pode ser um dos principais instrumentos para debater o conteúdo programático para modalidade em relação com comportamento financeiro dos jovens adolescentes, e com sua aprendizagem cidadã. Para isso, ficou perceptível com a dinâmica das atividades ao longo do processo, que é preciso inovar e ousar em sala de aula para trabalhar a educação financeira de modo a prender e despertar o interesse do aluno em participar dos debates, da discussão.

De modo geral, a educação financeira possui conteúdo amplo que converge para outros conceitos matemáticos que se associam ao exercício da cidadania, contextualizando a formação integral do cidadão. É importante destacar que nos grupos focais realizados, embora as palavras cidadania e educação crítica tenham sido citadas, nas discussões esses temas não foram abordados de modo amplo junto aos alunos e também nas entrevistas com os professores. Contudo, a falta de uma discussão mais abrangente não interferiu negativamente e nem direcionou os objetivos e propósitos da temática tratada nessa dissertação que teve maior foco na

educação financeira e formação dos alunos no ensino médio.

#### 4.4 PRODUTO FINAL - EDUCAÇÃO FINANCEIRA: É POSSÍVEL NO ENSINO MÉDIO?

Os resultados obtidos com a pesquisa de campo e exploratória realizadas na Escola de Tempo Integral de Colatina, Espírito Santo despertaram o interesse em desenvolver como produto final (Apêndice 3), um guia didático-pedagógico que disponibiliza informações sobre a educação financeira, partindo das atividades aplicadas ao longo de quatro encontros de formação com os alunos.

É importante ressaltar que ao longo do processo de desenvolvimento da dissertação, o tema Educação Financeira despertou interesse além da instituição educacional. A repercussão foi positiva e produtiva que levou a participação em três eventos distintos em Colatina-ES:

- Entrevista em uma rádio de Colatina-ES, cujo tema foi a Educação Financeira, enfatizando a sua importância e contribuições que auxiliam o aluno-cidadão e sua familiar a construir um padrão de comportamento com eliminação e/ou com o mínimo possível de dívidas.
- Palestras para alunos do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e do Serviço Social da Indústria (SESI).
- Curso técnico Assistente Financeiro, para alunos do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), em julho de 2019, com o objetivo de formar profissionais com competências para atuar e intervir em seu campo de trabalho, com foco em resultados. Foi desenvolvido o Projeto Integrador 'Educação financeira familiar', com os objetivos: organizar e executar as finanças pessoais e/ou familiares visando melhorar a qualidade de vida e realização de projetos; elaborar, organizar e controlar orçamento familiar através da educação financeira. Foi proposto o desenvolvimento de uma consultoria em educação destinada a microempreendedores e microempresários, mas que se aplica a todo cidadão que queira melhorar sua qualidade de vida e realizar seus sonhos e projetos através de uma melhor organização financeira.

O ensino de educação financeira no ciclo do ensino médio é importante para conscientizar o aluno em duas perspectivas fundamentais na vida do ser humano: cidadania e formação crítica. Considerando a relação da educação financeira com a

matemática, sabemos que há barreiras a serem rompidas e o professor, como mediador do conhecimento precisa de uma base teórico-metodológica que desperte e motive o interesse dos alunos pelo tema e, ainda, possibilitar que a aquisição ocorra de modo ativo e criativo. O produto final Educação Financeira: é possível no ensino médio? É uma cartilha de informações sobre educação financeira, com direcionamento voltado para a prática no espaço escolar. Não é um guia de orientação pedagógica, e sim uma sequência de dicas de como o professor do ensino médio pode abordar o assunto em sala de aula. As informações partem das questões discutidas nos grupos focais, da dinâmica utilizada e esquetes dos alunos sobre a temática.

O produto final é impresso em papel couché por ser ideal para a apresentação da capa e contracapa, com produção em cores, 20 páginas, papel A4, formato retrato. O material interno é produzido e impresso em papel reciclado, pequena contribuição à preservação do meio ambiente e também pelo custo financeiro mais acessível.

A cartilha de informações sobre educação financeira no ensino médio tem por objetivo apresentar aos professores de Matemática atividades e dinâmicas que podem auxiliar na abordagem do assunto em sala de aula e, assim, proporcionar aos alunos de forma lúdica e crítica o acesso ao conhecimento e também sobre a importância da educação financeira. A finalidade é sugerir informações que podem contribuir para o desenvolvimento para encontros de formação continuada de Matemática de professores do ensino médio, ou até mesmo de outras disciplinas como Sociologia e F abordando a educação financeira.

A cartilha de informações apresenta, a partir da pesquisa realizada, questões que abrem o debate e as discussões sobre o significado do dinheiro e sua correlação com os sonhos e a felicidade. Também mostra a relação educação financeira com o consumo consciente, os impactos da falta de dinheiro ocasionada por diversos fatores entre eles o estímulo e a motivação causada pelo consumo desenfreado que interfere, inclusive, no equilíbrio financeira da família e do cidadão individualmente.

Para a elaboração do produto final foi composta uma equipe de profissionais: Delvik Pereira de Assis (Mestrando); Doutora Juliana Martins Cassani (orientadora); diagramador para a composição do layout da cartilha no formato Word; profissional de arte para a diagramação final em programa específico para a composição do material e a gráfica para impressão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo buscamos estabelecer caminhos de como a educação financeira pode ser abordada na formação de alunos do ensino médio, contribuindo para a promoção de uma aprendizagem crítica e cidadã, dialogando com distintas fontes, como as publicações científicas da área, os marcos legais que tratam da inserção do tema na educação básica, as entrevistas com profissionais da educação da Escola em Tempo Integral (Antiga Escola Viva) onde foi realizada a pesquisa de campo. Além da oportunidade de trabalhar com grupos focais, nos inserimos em uma disciplina eletiva e, ao longo da realização da pesquisa, partilhamos, com alunos e professores, conhecimentos específicos da educação financeira.

Embora o excesso de alunos participantes dos encontros (35 alunos), a pesquisa não foi prejudicada em seus objetivos, ao contrário contribuiu para a formação de um público diverso, com experiências financeiras diferenciadas expressas a partir da realidade dos participantes da pesquisa. Como os alunos faziam parte de uma eletiva cujos horários foram cedidos para a execução da proposta dessa dissertação e a demonstração de interesse por parte de todos em participar, entretanto, não foi possível alterar a quantidade dos mesmos em sala. Os professores das disciplinas eletivas também permaneceram em sala de aula, mas sem pontuar e/ou intervir de alguma forma, a não ser quando provocados pelos alunos ou pelo pesquisador.

Mesmo que não interferissem em nossa abordagem com os alunos, observamos que talvez a presença dos professores possa ter causado alguma inibição em suas participações, pois vimos que a turma colaborava mais quando a dinâmica era praticada com atividades escritas para a manifestações de suas percepções, como por exemplo, na primeira atividade na qual escreveram sobre o significado do dinheiro e quando incorporaram diferentes personagens nos esquetes.

A associação e correlação entre a literatura pesquisada, atividades de campo e experiência profissional do mestrando (bancário há dezoito anos, atuando no atendimento a pessoas físicas e micro empresas acompanhando, diariamente, as pessoas lidando com o dinheiro, a orientadora (que já foi bancária) sinalizam a necessidade de maior presença da educação financeira em sala de aula, como elemento integrante da formação crítica e cidadã dos alunos, em especial, do ensino médio.

A pesquisa de campo constituiu uma oportunidade de levar os conhecimentos em educação financeira além da Escola em Tempo Integral, como a entrevista concedida em uma rádio de Colatina ES, palestras proferidas em unidades escolares da cidade com abordagem sobre a importância da educação financeira em sala de aula e no cotidiano dos alunos e, também, dos cidadãos em geral. Todo esse processo auxiliou no cumprimento de uma das premissas do mestrado profissional, ou seja, levar contribuições acadêmicas para a sociedade.

Embora nossa abordagem sobre educação financeira não tenha esgotado o tema, jamais essa seria nossa pretensão, percebemos que nossa presença em sala de aula discutindo esse assunto foi como que plantássemos sementes para que tanto os alunos quanto os profissionais da educação visualizassem que o que lá foi tratado faz parte da vida de cada um e da vida em sociedade.

O acesso a um amplo leque de informações e produções acadêmicas científicas sobre o ensino da educação financeira possibilitou observar a sua correlação e importância com a formação de alunos do ensino médio. Mostrou, ainda, que entre alunos e professores é comum utilizar a terminologia matemática financeira (ou educação financeira) para falar da educação financeira. E são propósitos específicos e diferenciados, que podem sim, integrar entre si. Mas, não podem ser discutidos e tratados como se fosse termos sinônimos.

O ensino da educação financeira deve priorizar o avanço do conhecimento dos alunos perante situações significativas de aprendizagem, considerando que não se trata de um conhecimento que deva ser ensinado somente pela transmissão social, pois precisa ser construída através da abstração reflexiva, da formação crítica e cidadã dos alunos. Pesquisas futuras poderiam verificar como os conhecimentos e práticas de educação financeira impactam a vida dos estudantes e seus familiares e como os profissionais da educação estão sendo preparados para trabalhar a educação financeira de modo transversal.

A proposta de educação financeira no ensino médio além de promover mudanças no comportamento dos adolescentes, os transforma em agentes multiplicadores e formadores do conhecimento, levando esses conhecimentos adquiridos às famílias e grupos aos quais estejam inseridos. De posse de informações direcionadas para o uso consciente do dinheiro, será possível que esses alunos ensinem e façam uso da educação financeira de forma agradável, consciente, com um toque de curiosidade, despertando gosto pelo planejamento e organização, pois a

educação financeira tem maior relação com o comportamento do indivíduo.

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO; SOUZA, Fábio Almeida Lopes; SOUZA, Marcos Aguerri Pimenta. Educação financeira para um Brasil sustentável evidências da necessidade de atuação do banco central do Brasil em educação financeira para o cumprimento de sua missão. **Trabalhos para discussão 280**. Banco do Brasil, jun. 2012. Disponível em: <<https://www.bcb.gov.br/pec/wps/port/TD280.pdf>>. Acesso em:
- AUGUSTINIS, Viviane Franco; COSTA, Alessandra de Sá Melo; BARROS, Denise Franca. Uma Análise crítica do discurso de educação financeira: por uma educação para além do capital. **Revista Adm. Made**, v. 16, n. 3, p. 79-102, 2012. Disponível em: <<http://www.spell.org.br/documentos/ver/9593/uma-analise-critica-do-discurso-de-educacao-financeira--por-uma-educacao-para-alem-do-capital>>.
- BESSA, Lucas Marin; RONCHI, Juliana Paterle. Educação financeira como instrumento de integração em uma instituição de ensino profissionalizante. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, 10 (1), jan-jun, 2017, p. 49-58.
- BLOCH, Marc. **Apologia histórica ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: ed. Zahar, 2001.
- BRASIL, Ministério da Educação, **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Fundamental**. Brasília: Ministério da Educação, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação, 2017.
- \_\_\_\_\_. Decreto n.º 7.397, de 22 de dezembro de 2010. **Institui a Estratégia Nacional de Educação Financeira-ENEF, dispõe sobre a sua gestão e dá outras providências**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7397.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7397.htm)>. Acesso em: 16 de junho de 2018
- BRITTO, Reginaldo Ramos de; KISTEMANN JÚNIOR, Marco Aurélio; SILVA, Amarildo Melchíades. Sobre discursos e estratégias em educação financeira. **Jornal Internacional de Estudos em Matemática**. 2014. Disponível em: <https://revista.pgsskroton.com/index.php/jieem/article/view/90/80>. Acesso em 03 set. 2018.
- CAMPOS, Celso Ribeiro; TEIXEIRA, James; COUTINHO, Cileda de Queiroz Silva. Reflexões sobre a educação financeira e suas interfaces com a educação matemática e a educação crítica. **Educ. Matem. Pesq.**, São Paulo, v.17, n.3, pp. 556-577, **2015**. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/emp/issue/view/1401>>. Acesso em 3 set. 2018
- DAL MAGRO, Cristian Baú et al. O efeito da família no comportamento financeiro de adolescentes em escolas públicas. **Rev. Cont Org.** 2018, v. 12. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rco/article/view/142534>>. Acesso em 20 nov. 2018.
- DATA POPULAR. **A educação financeira no Brasil: Relatório quali-quantitativo**, 2008.
- DEL FIORI, Diogo et al. O efeito da educação financeira sobre a relação entre

adimplência e trabalhadores na cidade de Manaus. **SINERGIA**, Rio Grande, v. 21, n. 2, p. 31-45, jul/dez. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.furg.br/sinergia/article/view/7215>>. Acesso em 10 jul. 2019.

DUARTE, Paulo César Xavier et al. Matemática financeira: um alicerce para o exercício da cidadania. **Nucleus**, v.9, n.1, abr. 2012. Disponível em: <<http://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/698>>. Acesso em: Acesso em 10 jul. 2019.

FRANKENERG, Louis. Planejamento financeiro: o caminho para transformar sonhos em realizações. In. **Diálogos Akatu: O Consumo consciente do dinheiro e do crédito**. São Paulo: Instituto Akatu, 2006. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1582-6.pdf>>. Acesso em 10 jul. 2019.

GATTI, B.A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Editora Plano, 2002.

GROENWALD, Cláudia Lisete de Oliveira; OLGIN. Educação financeira no currículo de matemática do ensino médio. **R. Bras. Ens. Ci. Tecnol.**, Ponta Grossa, v. 11, n. 2, p. 158-180, mai/ago. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rbect/article/view/8433>>. Acesso em 20 set.2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO (INEP). **Censo escolar: notas estatísticas 2018**. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/censo\\_escolar/notas\\_estatisticas/2018/notas\\_estatisticas\\_censo\\_escolar\\_2018.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/notas_estatisticas/2018/notas_estatisticas_censo_escolar_2018.pdf)>. Acesso em 06 out. 2019.

LIMA, Erika Roberta Silva; SILVA, Francisca Natália; SILVA, Lenina Lopes Soares. Trajetória do ensino médio e da educação profissional no Brasil. **HOLOS**, 2017, ano 33, vol. 03.

MATOS, Juliana Martins Cassani. **Conteúdos de ensino da educação física escolar: da produção acadêmica às narrativas docentes**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo. 2013, 136f.

NASCIMENTO, Luís Felipe; LEMOS, A. D. C.; MELLO, Maria Celina Abreu de; LEMOS, Ângela Diniz da Cunha. **Gestão socioambiental estratégica**. Porto Alegre: Bookman, 2008.

PINTO, José Marcelino de Rezende; AMARAL, Nelson Cardoso; CASTRO, Jorge Abrahão. O financiamento do ensino médio no Brasil: de uma escola boa para poucos à massificação barata da rede pública. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 116, p. 639-665, jul-set. 2011.

REBELLO, Ana Paula; ROCHA FILHO, João Bernardes; HARRES, João Batista Siqueira. Educação financeira: uma proposta pedagógica para alunos do ensino médio politécnico. **HOLOS**, Ano 31, Vol. 6, 2015.



ROSSETI JÚNIOR, Hélio; SCHIMIGUEL, Julian. Educação matemática financeira: conhecimentos financeiros para a cidadania e inclusão. **Revista Científica Internacional**, ano 2, nº 09, st./out. 2009.

SAITO, André Taué; SAVOIA, José Roberto Ferreira; PETRONI, Liége Mariel. **A Educação Financeira no Brasil sob a ótica da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico -OCDE**. São Paulo. Departamento de Administração – FEA. USP, 2006.

SAITO, André Taué; SAVOIA, José Roberto Ferreira; SANTANA, Flávia Angelis. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública**, v. 41, n. 6, p. 1121-1141, 2007.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (SEDU). **Escola Viva: caderno de formação**. 2019

SILVA, A.; POWELL, A. Educação Financeira na Escola: a perspectiva da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. **Boletim GEPEM**, 2015.

SILVA, Rogério; TEIXEIRA, Arilda; BEIRUTE, Aziz Xavier. Finanças pessoais e educação financeira: o perfil dos servidores públicos de um município do centro-oeste brasileiro. **Revista UNEMAT de Contabilidade**, v. 5, n.10, jul/dez. 2016, Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/ruc/article/view/1382>>. Acesso em: 25 out. 2019.

SCOLARI, Lidinara Castelli; GRANDO, Neiva Ignês. Educação financeira: uma proposta desenvolvida no ensino fundamental. **Educ. Matem. Pesq.**, São Paulo, v.18, n.2, pp. 671-695, 2016. Disponível em: < <https://revistas.pucsp.br/emp/article/view/22477>>. Acesso em 25 out. 2019.

TEIXEIRA, Paulo Jorge Magalhães. Uma experiência didática em Educação Financeira Crítica. **REMAT**, Caxias do Sul, RS, v. 2, n. 2, p. 51-71, 2016.


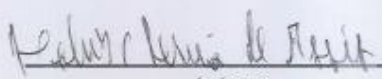
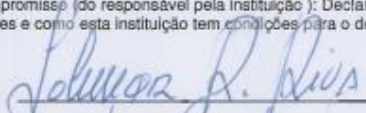

TEIXEIRA, Wesley Carminati; KISTEMANN JÚNIOR, Marco Aurélio. Uma investigação sobre a inserção da educação financeira em um curso de serviço de matemática financeira para graduandos de um curso de administração. **Educ. Matem. Pesq.**, São Paulo, v.19, n.1, 223-249, 2017. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/emp/article/view/27828>>. Acesso em 10 out. 2019.

TEITELBAUM, Kenneth. Recuperando a memória coletiva: os passados da educação crítica. In: APPLE, Michael W; AU, Wayne; GANDIN, Luís A. **Educação crítica: análise internacional**. Porto Alegre: Artmed, 2011. Disponível em: < <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Dialogos/article/view/36194>>. Acesso em: 10 out. 2019.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campo. **Metodologia da pesquisa científica**. 2. ed. Curitiba: IESDE, 2007.

VIEIRA, Kelmara Mendes; MOREIRA JÚNIOR, Fernando de Jesus; POTRICH, Ani Caroline Grigion. Indicador de educação financeira: proposição de um instrumento a partir da teoria da resposta ao item. **Educ. Soc.**, Campinas, v.40, e 0182568, 2019.

## ANEXO 1 – FOLHA DE ROSTO PLATAFORMA BRASIL

|  MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP<br>FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS   |  |  |                     |
|--|--|--|---------------------|
| 1. Projeto de Pesquisa:<br>EDUCAÇÃO FINANCEIRA: DA PRODUÇÃO ACADÊMICA À FORMAÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO   |  |  |                     |
| 2. Número de Participantes da Pesquisa: 20   |  |  |                     |
| 3. Área Temática:  |  |  |                     |
| 4. Área do Conhecimento:<br>Grande Área 7. Ciências Humanas  |  |  |                     |
| PESQUISADOR RESPONSÁVEL  |  |  |                     |
| 5. Nome:<br>DELVIK PEREIRA DE ASSIS  |  |  |                     |
| 6. CPF:<br>091.972.597-93  |  | 7. Endereço (Rua, n.º):<br>VIOLETA JARDIM PLANALTO 445 COLATINA ESPIRITO SANTO 29701730  |                     |
| 8. Nacionalidade:<br>BRASILEIRO  |  | 9. Telefone:<br>27998011324  | 10. Outro Telefone: |
|  |  | 11. Email:<br>delvikp@yahoo.com.br   |                     |
| <p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p> |  |  |                     |
| Data: 10 / 12 / 2019   |  | <br>Assinatura   |                     |
| INSTITUIÇÃO PROPONENTE   |  |  |                     |
| 12. Nome:<br>INSTITUTO VALE DO CRICARÉ LTDA  |  | 13. CNPJ:<br>01.997.757/0001-64  | 14. Unidade/Orgão:  |
| 15. Telefone:<br>(27) 3763-4505  |  | 16. Outro Telefone:  |                     |
| <p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>  |  |  |                     |
| Responsável:    |  | CPF: 290534399-49  |                     |
| Cargo/Função: <u>Diretor Geral</u>   |  |  |                     |
| Data: 16 / 10 / 19   |  | <br>Solimar Roberto Riva<br>Diretor Geral<br>Portaria 02/2019<br>Faculdade Vale do Cricaré |                     |
| PATROCINADOR PRINCIPAL   |  |  |                     |
| Não se aplica.   |  |  |                     |

## APÊNDICE 1 – SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

Colatina ES, 03 de outubro de 2019

À Escola Viva – CEEMTI Conde De Linhares Colatina ES

Prezada Diretora,

Eu, **Delvik Pereira de Assis**, solicito autorização para desenvolver nesta Instituição Pesquisa de Campo para dissertação de Mestrado em Educação da Faculdade Vale do Cricaré de São Mateus ES.

Conforme Projeto em anexo, o tema da dissertação será **EDUCAÇÃO FINANCEIRA: DA PRODUÇÃO ACADÊMICA À FORMAÇÃO DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO** e se dará através de GRUPOS FOCAIS para levantamento e diagnóstico, formação teórica e atividades práticas como elaboração de orçamento familiar com cerca de 20 alunos do último ano do Ensino Médio desta escola. Os mesmos serão convidados a participarem de 10 (seis) encontros que serão realizados nas dependências da Escola.

Quando: outubro a novembro de 2019, após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – Plataforma Brasil e firmados os **Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)** pelos participantes e/ou seu responsável legal.

Ao final da Pesquisa os participantes receberão **CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO**. (Emissão dos Certificados por conta do Pesquisador após autorização da Escola Viva).

Diversos motivos poderiam se elencados pela escolha dessa instituição, por hora destacaria: a convergência dos ideais da Escola Viva de promover aos alunos uma formação integral além do desejo pessoal de possibilitar uma mínima retribuição à Escola de onde sou egresso (fui aluno do Conde de Linhares do ano de 1991 a 1994).

Cumpre-nos lembrar que o desenvolvimento de tais atividades terá finalidade exclusivamente educativa não trazendo nenhum tipo de obrigações à Escola ou ao

seu mantenedor, sejam fiscais, trabalhistas ou outras.

Também esclarecemos desde já que não é objeto de nossa pesquisa qualquer tipo de análise que possa configurar como questionamento da estrutura e funcionamento do **Programa de Educação Integral Escola Viva**. Como já informamos acima visamos tão somente a conversas com os alunos convidados, na modalidade pesquisa-ação, campo e exploratória, onde o assunto a ser abordado é EDUCAÇÃO FINANCEIRA.

Contamos com a autorização desta Instituição, estando à disposição para esclarecimentos complementares.

Atenciosamente.

Delvik Pereira de Assis  
Mestrando

Profª. Drª. Juliana Martins Cassani  
Orientadora

27-99801-1324, delvikp@yahoo.com.br Notas sobre o pesquisador:

Delvik Pereira de Assis, graduado em Ciências Contábeis – FACEC; especialização: Gestão Negócios Financeiros – PUC IAG; estrando em Educação e Tecnologia (Dissertação: Educação Financeira) – FVC; CPA10; Educador Corporativo, UNIBB/Banco do Brasil; 17 anos no BB (Gerente de Relacionamento); instrutor de Cursos Técnicos.

## APÊNDICE 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM DIRETOR E PROFESSORES

1. Como você percebe a temática Educação Financeira sendo incluída na grade curricular da Escola em Tempo Integral (Escola Viva) ou, como é que vocês percebem essa questão essa temática no ensino médio?
  
2. Então você percebe que na Escola em Tempo Integral (Escola Viva) haveria uma oportunidade melhor de se trabalhar?
  
3. Uma situação que o MEC ele propõe é a educação financeira numa linha de trabalho transversal, ou seja, trabalhar de modo consonante com várias disciplinas. Do que a gente tem trabalhado em sala de aula vocês percebem a matemática além de outras disciplinas que outros professores poderiam visualizar, vocês percebem a matemática desta abordagem?
  
4. Pela sua fala, em algum momento essa ideia que parte de lá se perderia no meio do caminho?
  
5. Do que temos trabalhado, vocês percebem algo que poderiam: “Isso é uma situação favorável ou não é favorável ou não vejo como uma forma tão favorável no modo de abordagem”. Vocês teriam alguma análise ou observação a fazer, o que a gente poderia ressaltar e ainda mais considerando que vocês estão tendo a oportunidade de vivenciar a pesquisa em sala de aula?
  
6. Vocês percebem relação entre o que é vivenciado como algo que tenha importância para além do aluno, para a família?

APÊNDICE 3 – PRODUTO FINAL

**DELVIK PEREIRA DE ASSIS  
JULIANA MARTINS CASSANI**

**EDUCAÇÃO  
FINANCEIRA: É  
POSSÍVEL NO  
ENSINO MÉDIO?**

**SÃO MATEUS  
2020**

ASSIS, Delvik Pereira de. CASSANI, Juliana Martins. **Produto Final:** educação financeira é possível no Ensino Médio? São Mateus, Espírito Santo, 2020.



## **EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO ENSINO MÉDIO**

As questões norteadoras das investigações no Grupos Focais tiveram como objetivo caracterizar um processo de formação sobre Educação Financeira e, ao mesmo tempo de conscientização dos alunos no que diz respeito às suas relações, compreensões, representações e significados do dinheiro.

Alguns professores, especialmente de Matemática, estiveram presentes ao longo da realização dos Grupos Focais, como ouvintes e plateia das questões centrais representadas em esquetes pelos alunos, a partir das definições dos temas definidos para as discussões.

Observamos que ao explorar o conceito de Educação Financeira ficou evidente para alunos e professores a sua correlação com a matemática financeira. Mas são conceitos, objetivos e propostas diferenciadas no âmbito da educação. As dinâmicas foram consideradas atrativas pelos alunos e professores, conduzidas com atividades lúdicas, mas considerando a realidade financeira da maioria dos cidadãos brasileiros. Uma proposta despertou o interesse dos alunos e motivou ativa participação dos alunos.

Evidenciou a importância da inserção da Educação Financeira como disciplina e a necessidade de tratar o tema em sala de aula de forma diferente da educação financeira e/ou educação matemática. Fica como dica as dinâmicas apresentadas e representadas pelos alunos em esquetes.

Delvik Pereira de Assis

## **EDUCAÇÃO FINANCEIRA: UMA DEFINIÇÃO**

“Processo mediante o qual os indivíduos e as sociedades melhoram a sua compreensão em relação aos conceitos e produtos financeiros, de maneira que, com informação, formação e orientação, possam desenvolver os valores e as competências necessários para se tornarem mais conscientes das oportunidades e riscos neles envolvidos e, então, poderem fazer escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda e adotar outras ações que melhorem o seu bem-estar. Assim, podem contribuir de modo mais consistente para a formação de indivíduos e sociedades responsáveis, comprometidos com o futuro”.

Organização para a Cooperação e  
Desenvolvimento Econômico – OCDE (2005)

## TRABALHE A EDUCAÇÃO FINANCEIRA ABORDANDO OS SONHOS DOS ALUNOS



Fonte: Imagens da internet

É preciso cuidado com os sonhos para que possam se tornar realidade e não pesadelos ou frustrações. Utilize as possibilidades que as atividades lúdicas oferecem e explore os conteúdos da educação financeira, inserindo a realidade do aluno, de sua situação financeira.

## O SIGNIFICADO DO DINHEIRO E DA FELICIDADE PARA OS ALUNOS

É forte a relação do dinheiro com a felicidade. Pergunte aos alunos qual o significado do dinheiro e da felicidade, é a oportunidade de inserir e trabalhar questões da educação financeira, em sala de aula e de forma agradável e descontraída. Use uma figura atrativa e que desperte o interesse da turma.



Fonte: Imagens da internet

Proponha a realização de esquetes com os significados trazidos pelos alunos. Divida a turma em grupos, 05-10 min.; para apresentação e abra a discussão. Fale brevemente sobre o dinheiro como base de troca por bens e serviços e reserva de riqueza e a existência do Banco

Central controlando esse mercado e suas implicações.



Fonte: Imagens da internet

Explique aos alunos que Banco Central (banco dos bancos) é a autoridade que determina o mercado financeiro: capital e os tipos de sujeitos: aquele que poupa e aquele que toma dinheiro emprestado. Mostre como esse processo funciona e pode interferir no comportamento financeiro do cidadão. Quer dinheiro? Quer antecipar um sonho? Peça ao banco!

Mas explique os aspectos e despesas que integram o empréstimo: juros (aluguel do dinheiro), multas (por atrasos), IOF (imposto),

correção monetária (compensar inflação) etc., que sem controle e conhecimento da educação financeira, podem comprometer o nome no mercado, derrubar sonhos e complicar a vida!



Fonte: Imagens da internet

Os conhecimentos da educação financeira podem proporcionar a autonomia, que tem associação com o consumo consciente e cidadania financeira, que reflete em felicidade.



Fonte: Imagens da internet

A escola é um espaço de encontro com o saber com descobertas de forma prazerosa e funcional, assumimos a ideia de que a apropriação dos alunos à educação financeira faz-se potencial, contribuindo para que eles se desenvolvam com autonomia em relação à sua gestão financeira. O desejo de ter incentiva o consumo que tem como principais elementos o desejo e a necessidade.



Fonte: Imagens da internet

O dinheiro é um meio de satisfazer desejos necessidades de comprar, lazer, felicidade, riqueza de obtenção de bens materiais de elevado custo, como por exemplo, carros.

**Esse desejo e necessidade descontrolada em determinado momento vai levar à falta de dinheiro, que implica em situações diversas,**

com consequências graves. Em que essa situação pode resultar?

**Falta de dinheiro**

**No ambiente familiar:**

Tensões  
Acusações  
Estresse  
Insônia

**O que fazer?**  
Aumentar as receitas?  
Reduzir as despesas?

**Quem poderá me ajudar????**




Fonte: Imagens da internet

Um dos objetivos da educação financeira é voltado para o comportamento familiar e individual em relação ao uso do dinheiro. As novas gerações de estudantes que não vivenciaram as mudanças econômicas ocorridas no Brasil, e que frequentam o Ensino Fundamental e Ensino Médio, provavelmente não estão sendo preparadas para desempenhar um papel “consciente” a partir da economia atual (REBELO; ROCHA FILHO, 2015).

**Em um trecho de nossa dissertação destacamos que a educação financeira pode ser a alternativa e/ou estratégia para auxiliar na mudança comportamental, orientar e**



**reorientar como cuidar do dinheiro e tomar decisões acertadas de como, quando, onde e porque gastar sem comprometer as suas necessidades básicas. Em síntese: consumo consciente.**



Fonte: Imagens da internet

Augustinis, Costa e Barros (2012, p. 4), em seus estudos afirmam:

[...] o comportamento financeiro dos indivíduos é fortemente influenciado por fatores que independe de seu grau de educação financeira [...] que sofre influência do ritmo acelerado de mudanças no mercado.

A educação financeira possibilita que o indivíduo e/ou a família, embasados pelo conhecimento e pautados em seus objetivos, tenham orientações de como administrar as finanças pessoais, ou seja, seu propósito é mais amplo e abrangente,

pois deve ser concebida como o instrumento para tornar, promover e desenvolver uma vida financeira mais saudável, sem dívidas e imprevistos (SILVA; TEIXEIRA; BEIRUTE, 2016).

Na figura abaixo podemos observar os meandros que levam alcançar o equilíbrio financeiro no âmbito familiar.



Fonte: Imagens da internet

Além disso, partindo da educação financeira, seguindo suas orientações, o indivíduo e/ou a família podem se preparar melhor financeiramente para enfrentar acontecimentos que ocorrem fora da rotina: desemprego, doenças, tragédias, bem como acesso ao lazer, festas, férias, passeios, entre outras atividades e prazeres que o dinheiro pode proporcionar sem

afetar o dia a dia financeiro e/ou causar conflitos.  
Isto também é proposta de educação financeira!

**Fora da rotina**

- ▶ Passeios
- ▶ Festas
- ▶ Férias
- ▶ Desemprego
- ▶ Doenças na família
- ▶ Tragédias/partidas



Reformas

Fonte: Imagens da internet

**ENTÃO: É POSSÍVEL ENSINAR  
EDUCAÇÃO FINANCEIRA NO  
ENSINO MÉDIO? SIM!**

**É PRECISO QUE OS PROFESSORES CRIEM  
OPORTUNIDADES QUE PROMOVAM A  
INTERDISCIPLINARIDADE DO CONTEÚDO  
EM SUAS DISCIPLINAS**

## REFERÊNCIAS

AUGUSTINIS, Viviane Franco; COSTA, Alessandra de Sá Melo; BARROS, Denise Franca. Uma Análise crítica do discurso de educação financeira: por uma educação para além do capital. **Revista Adm. Made**, v. 16, n. 3, p. 79-102, 2012.

Disponível em:

<<http://www.spell.org.br/documentos/ver/9593/uma-analise-critica-do-discurso-de-educacao-financeira--por-uma-educacao-para-alem-do-capital>>. Acesso em nov. 2019.

REBELLO, Ana Paula; ROCHA FILHO, João Bernardes; HARRES, João Batista Siqueira. Educação financeira: uma proposta pedagógica para alunos do ensino médio politécnico. **HOLOS**, Ano 31, Vol. 6, 2015.

SILVA, Rogério; TEIXEIRA, Arilda; BEIRUTE, Aziz Xavier. Finanças pessoais e educação financeira: o perfil dos servidores públicos de um município do centro-oeste brasileiro. **Revista UNEMAT de Contabilidade**, v. 5, n.10, jul./dez. 2016, Disponível em: <<https://periodicos.unemat.br/index.php/ruc/article/view/1382>>. Acesso em: Acesso em 25 out. 2019.

## EDUCAÇÃO FINANCEIRA, UM POUCO MAIS

Livros disponibilizados pelo MEC para download



(<http://www.vidaedinheiro.gov.br/livros-ensino-medio/>)



<http://www.vidaedinheiro.gov.br/ta-osso/>

### “TÁ O\$\$O”

É uma experiência educativa e divertida, reúne conteúdos que discutem comportamentos importantes: administração consciente do dinheiro e o consumo excessivo.

Baixe o jogo e viva uma experiência diferente!